Cinearte

ANNO IV N. 162
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 3 DE ABRIL DE 1929
Preço para todo o Brasil 1$000

Adolphe Menjou

Um succedaneo..?
—Passo!
Quem usa ou traz para
casa um succedaneo,
em vez da CAFIASPIRINA
legitima, commette
uma imprudencia que
lhe póde sahir bem
cara!
Por este motivo, toda a pessôa
discreta e cuidadosa, nega-se a
receber productos suspeitos,
e exige sempre a nobre e
excellente
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
"—isto sim"!
E' o unico preparado
que se póde administrar
com plena confiança a
qualquer pessôa da fa-
milia, pois proporciona
allivio immediato e
não ataca o coração
nem os rins.
Dôres de cabeça, dentes e ouvido;
nevralgias, cólicas menstruaes; con-
sequencias de noites perdidas,
abusos alcoolicos, etc.

extrahida do
do celebre romance
do immortal
VICTOR HUGO

O exodo dos comprachicos

O HOMEM QUE RI

CONRAD VEIDT — MARY PHILBIN — OLGA BACLA NOVA
E MAIS UM NUCLE'O DE INSIGNES ARTISTAS E MILHARES DE FIGURANTES

Desautorou a Rainha exclamando:
"El Rey fez de mim um palhaço".
"V. M. fez de mim um Lord!"
"Mas Deus fez de mim um homem!"
Tudo porque amava Déa, a linda cega, que não trocaria pela mais formosa fidalga do mundo!

Seduzido pela Duqueza

em 15 de Abril
no

Pathé-Palace

RELIQUIAS

Prova decisiva de que a joven arte do Cinema finalmente cresceu e poz calças compridas encontra-se no facto de que Hollywood tem dois museus de reliquias cinematographicas e muitas reliquias particulares dos velhos e desapparecidos dias de outr'ora, aliás, ainda não tão desapparecidos para Hollywood. As lembranças apreciadas de muitos artistas do Cinema são as photographias ou illustracções impressas de seus films.

Harry Crocker, o braço direito de Charlie Chaplin, é a quem se deve a creação do museu de reliquias cinematographicas em Hollywood. Elle foi quem concebeu a idéa de um museu em que se exhibisse famosas photographias de scenas, lembranças raras e velhos trajes a caracter, para entretenimento dos touristas aos quaes se cobra a entrada de 25 centavos para apreciar o museu.

Crocker colleccionou uma enorme quantidade de objectos raros, entre os quaes se inclue desde a biga romana de Ben Hur até os sapatos de Charlie Chaplin, e o famoso instrumento de tortura, a "dama de ferro", que applicaram no corcunda de Notre de Dame, até a borboleta artificial que voava sobre os namorados em "Principe Estudante". Lascas de taboas de prateleiras, conchas, uniformes de côres varias e vivas, vestidos femininos de todas as epocas, pratos, garrafas, espadas, lanças, canhões, helices de aeroplanos, modelos de navios, accessorios de automoveis, emfim, toda sorte de objectos, cada qual acompanhado de uma interessante historia da sua associação com a arte cinematographica.

Nos escriptorios de Cecil De Mille, ha um outro museu interessante de reliquias do Cinema. Quando Cecil De Mille foi recentemente occupar o elegante e novo pavilhão onde estão situados os seus escriptorios nos terrenos da M. G. M., despertou logo a attenção geral o facto de ter o director e productor uma das collecções mais curiosas de reliquias do Cinema.

Encerrados em estojos e pendentes das paredes do formoso edificio de dois andares que constitue o escriptorio do director, encontra-se pelo menos uma reliquia de cada um de seus mais importantes photodramas. Quando alguem entra nesse museu é immediatamente attrahida a sua attenção por uma armadura que está num canto da sala. E' uma recordação do Cinema, pertencente a um dos primeiros e, por certo, mais fascinantes astro da tela, o saudoso Wallace Reid, que trabalhou sob a direcção de De Mille. Esta armadura tem sua historia. Reid era tambem um collecionador; sempre que acabava de fazer seus films, trazia alguma cousa como recordação. Mas a De Mille fez elle presente dessas reliquias, pouco antes de sua tragica morte.

Outras celebridades da téla se contentam em conservar apenas as recordações do inicio de sua carreira.

Lon Chaney conserva e usa ainda o seu primeiro estojo de maquillage. E tem-n'o usado em quasi todos os seus films, desde os seus primeiros triumphos no "Homem miraculoso" até agora em "West of Zanzibar", e a julgar pelo carinho que dedica á essa reliquia, continuará usando-a por muitos annos e em muitos outros films.

Norma Shearer, a quem ninguem accusa de fraco sentimentalismo, (Miss Shearer tem fama de ser uma das estrellas mais ajuizadas, conserva ainda o toucado que usou em suas primeiras comedias, quando appareceu com Reginald Denny faz alguns annos. Miss Shearer usou o mesmo toucado quando representou o papel de ingenua camponeza allemã em "Principe Estudante".

Ramon Novarro, cujo exito se iniciou em "Prisioneiro de Zenda" de Rex Ingran, ainda guarda o sabre que usou nesse film. O sabre está suspenso no humbral da porta de sua casa em Hollywood, e ás vezes o usa no seu theatro particular, como amador.

William Haines tem as suas reliquias de sua primeira estréa penduradas em cabides. Sua preferida lembrança é um par de calças muito apertadas, e William conta sempre esta engraçada anecdota a seu respeito. Quando chegou elle pela primeira vez a Hollywood, como vencedor de um concurso para o Cinema, realisado em New York, um dos productores, cujo nome não vem ao caso, não considerava Haines sufficientemente attrahente para o bello sexo. E assim, levou-o a um alfaiate para que lhe fizesse uma roupa nova, dando instrucções no sentido de que a roupa ficasse talhada e bem justa, com a esperança de conquistar deste modo admiradores entre o publico feminino. Hoje, passada a moda das calças apertadas, William não necessita mais de tal farpella para "deitar" a sua elegancia.

As lembranças de Joan Crawford estão guardadas num grande armario, cheio de taças de prata ganhas pela artista em concursos de dansa. Joan diz que adquiriu a sua popularidade por ser a melhor dansarina de Charleston em Hollywood, tendo isso muito contribuido para seus triumphos na téla.

Bessie Love ainda guarda o bilhete que lhe escreveu D. W. Griffith no tempo do velho studio Triangle. Esse bilhete endereçado ao director do elenco recommenda-lhe Miss Love, nome que hoje em dia é um dos mais communs na folha de pagamento do Triangle.

Raquel Torres apezar de ser uma estrella mais nova que Miss Love, tem tambem a lembrança de seu primeiro trabalho na téla: é um pedaço de celluloide, uma fita tirada de suas provas de fitas para o Cinema, reliquia que lhe foi presenteada por Hunt Stromberg.

Harry Rapf, famoso director em Culver City, ostenta orgulhosamente uma nota de um dollar dentro de uma moldura collocada na parede de seu escriptorio. Esse foi o primeiro dollar que elle ganhou na vida.

Dorothy Sebastian conserva até

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

Directores: MARIO BEHRING e A. A. GONZAGA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$. — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40.

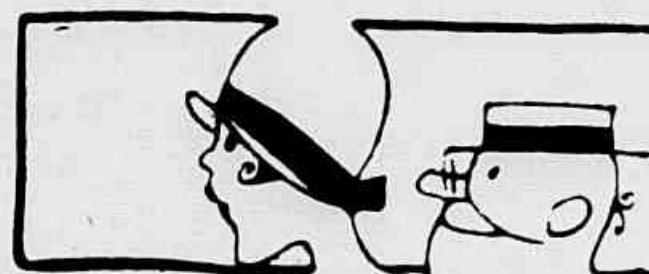
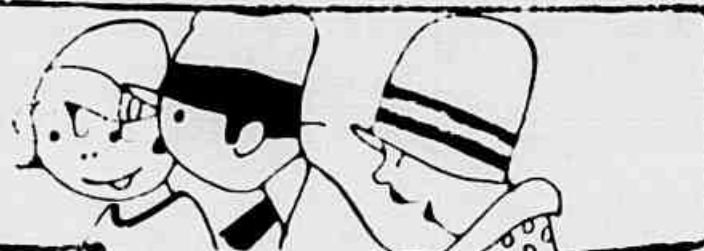
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestral mente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO. — Rua do Ouvidor, 164. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte. 5.402. Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó nº. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

agora o cavaquinho que lhe fez abrir as portas do Cinema. Quando era ainda bailarina num cabaret da Broadway, Dorothy encontrou-se com Alice Terry numa festa em que teve occasião de tocar o seu precioso instrumento. Alice sympathisou muito com Dorothy e tornaram-se logo muito amigas, tal o interesse que ella teve na musica da "virtuose" do cavaquinho.

Maurice de Canonge, de volta da America, está actualmente em Nice, nos studios da Franco Film, trabalhando em "L'evadée".

O jornaes continuam commentando a morte de Paul Jorge. O velho artista morreu com a idade de 80 annos. Elle actualmente um dos artistas mais velhos do Cinema Francez. Trabalhou no palco durante muitos annos e chegou a ser presidente da "Association des Régisseurs". No Cinema trabalhou em varios films, dos quaes citamos: "L'Arriviste", "Les Grands", "Les Larmesse de Colette", "L'ile Enchantée" e em "Les Misérables", onde neste ultimo fez o papel do padre Myriel. O seu ultimo trabalho para o Cinema foi em "La Passion de Jeanne D'Arc".

INGLATERRA

Segundo o que affirma M. J. D. Williams, a America está disposta a importar este anno, nada menos de 795 films europeus, dos quaes: 200 inglezes, 200 allemães, 90 francezes, 75 russos, 40 italianos e 30 australianos.

TIM MAC COY E
DOROTHY SEBASTIAN

COMEÇA a melhorar a programmação dos Cinemas, preparando-se as grandes estréas dos chamados films extra, super, hyper etc., etc. que ás mais das vezes valem tanto como os communs, a producção media, o typo da programmação de todo dia que o productor norte-americano já conseguiu mais ou menos standardisar.

Porque essa é, na realidade, a tendencia do film norte-americano — "standardisação".

Nem muito acima nem muito abaixo da media.

E naturalmente nem muito acima, nem muito abaixo do preço do custo.

Isso facilita os calculos, evita as surpresas e põe termo ás lutas da concurrencia.

Se todas as emprezas produzirem films que são uniformemente mediocres por que disputar clientela entre os exhibidores?

E depois, a tendencia das grandes productoras é constituirem lateralmente aos seus Studios, parallelamente ás suas actividades technicas, empresas que se encarregam de adquirir salões de exhibição nos differentes pontos do planeta com o intuito de garantir sempre sahida franca para os seus films — sem o embaraço da concurrencia, sem a luta das competições.

Essa duplicação de actividades ou essa fusão do productor no exhibidor é que tem sido a causa principal da tendencia á standardisação, ou antes á essa uniformisação na mediocridade que tem sido o caracteristico da producção norte-americana dos ultimos annos.

De facto, a analyse dos films que fazemos sempre com a maxima imparcialidade, revela-nos que se a producção tende a augmentar em numero, dado o desenvolvimento sempre crescente e progressista do commercio cinematographico em todo o universo, em compensação, muito embora a technica se apure muito menor é o numero de films dignos de reaes applausos. Outr'ora era raro o mez em que não se destacavam producções dignas de apreço. Hoje, mezes se passam sem que uma só escape á classificação de mediocre.

Isso é um mal para a industria.

A uniformidade aborrece.

E assim como o Cinema alcançou a popularidade de que gosa ainda hoje, amanhã o publico, saturado de tolices, pode voltar-lhe as costas.

E talvez seja devido aos primeiros symptomas desse fastio que se deva a febril actividade dos Studios norte-americanos para a captação do som, para o aprisionamento da voz, dando ao film os attractivos de novidade que já lhe vão faltando, mercê dessa politica de mediocrisação inspirada pela confusão de interesses entre o productor e o exhibidor.

Quem escreve estas linhas frequentou o Cinema com prazer durante alguns annos.

Attrahia-o a novidade. Passou depois a escolher os films, rareando "ipso facto" a frequencia; hoje só de raro em raro entra em um salão de exhibição e mesmo quando o faz já é com a certeza quasi absoluta de soffrer uma decepção.

Não são raros aquelles a quem o mesmo acontece.

E o seu numero vae avultando de dia para dia.

Não tenho a menor confiança no film sonoro para reaccender enthusiasmo pelo Cinema. São muito falhos ainda, grandemente defeituosos os processos de reproducção da voz humana e isso para não alludir ás difficuldades derivadas da differença de idioma que hão de tornar sempre impossivel a popularisação dos films falados.

E a febre que parece haver atacado todos os productores na adaptação do som á scena muda, parece que tem feito descurar mais ainda a producção dos films correntes e que por muitos annos ainda serão os unicos favoritos do grande publico.

A empresa que, desprezando as possibilidades que a captação da voz vem proporcionar á industria cinematographica, aproveitasse a magnifica opportunidade para melhorar a sua producção de films communs, faria certamente, hoje magnificos negocios. Bastavam poucos melhoramentos para assegurar o favor publico á sua producção, já que as outras todas só timbram em produzir banalidades — aggravadas agora com a remessa de esqueletos de films, que taes são aquelles productos que passando, sonoros, nos Estados Unidos, chegam mudos ao Brasil.

Esses films são a mais absoluta negação da arte muda.

Falados, seriam talvez tolerados como curiosidade.

Mudos, são apenas insupportaveis.

ANNO IV — NUM. 162
3 — ABRIL — 1929

CINEMA BRASILEIRO

(DE PEDRO LIMA)

GINA CAVALIÉRE E' UMA DAS PRINCIPAES EM "RELIGIÃO DO AMOR", DA AURORA FILM.

Quando Humberto Mauro veiu pela primeira vez ao Rio, com "Na Primavera da Vida", veiu sozinho, com as latas de seu film em baixo do braço.

Agor aelle volta de novo, isto é, mais uma vez, depois de tantas outras em que já esteve aqui, para trazer "Thesouro Perdido", para escolher artistas, para filmar algumas locações de "Braza Dormida"...

Mas, desta vez, elle vem acompanhado de varios artistas da Phebo. Vem para filmar muitas scenas de "Sangue Novo", que tem varias sequencias passadas no Rio.

Maximo Serrano, assim que chegou fez logo questão de conhecer os seus collegas de "Barro Humano". Foi apresentado a Eva Schonoor, Lelita Rosa, Carlos Modesto...

Maury Bueno, o novo galã da Phebo, tambem tem acompanhado seu collega nestas visitas. E está satisfeitissimo.

Um outro elemento que veiu no grupo é Oswaldo Tavares, da extincta Phenix Film, de Ponte Nova, que agora está como assistente de Humberto Mauro.

Pedro Fantol deverá chegar dentro de poucos dias.

As locações já estão sendo escolhidas, devendo'ser iniciada a filmagem ainda esta semana.

No elenco, além dos elementos acima, ainda estão Nita Ney, Carmen Santos e Luiz Sorôa. Edgar Brasil vae ser o operador.

Realizou-se a 18 de Fevereiro passado o acto inaugural da Uni Film Ltda. de Porto Alegre que, conforme já noticiamos, está filmando "Revelação".

Fundada em Janeiro de 1929, a nova empreza tem como socios incorporadores Ely Grassen, Oswaldo Grassen, Theodore Schroeder, Luiz Longoni, José Amadio e Emilio Hoffmann.

O primeiro film será operado por I. Piccoral, tendo como ajudante Attilio Penna. A direcção é de E. C. Kerrigan...

E o elenco compõe-se de Nely Grant, cuja photographia já publicamos em tempo,nas paginas de nossos leitores, sua irmã Sally, Roberto Zango, Yvo Morgova, que já tomaram parte em "Amor que Redime", Ely Grassen, Walter Holtz e Jardine.

Vamos vêr o que sahe de tudo isto. Como se comportará Herrigan em mais esta opportunidade que lhe dão...... Já é ter muita sorte, depois de tantos casos.

A titulo de curiosidade e de estimulo aos que lutam pelo Cinema no Brasil, transcrevemos uma noticia publicada no **Jornal de Fartura**, e que, além de tudo, é bastante original:

"PROTESTO. — A mocidade desta, em uma reunião realizada ha poucos dias, resolveu redigir um protesto, que já conta com muitas assignaturas, contra a exhibição no Casino Farturense, de films naturaes "Norte Americanos". Allega a mocidade no referido protesto, que como bons **habitués** que são do referido Cinema, estão cansados de estar vendo todos os dias esses films de propaganda "americanorte". Pedem, ainda mais, a exhibição de films naturaes brasileiros"

Noticias de Recife dão como certa a vinda de Dustan Maciel ao Rio, onde pretende visitar nossos Studios.

Vamos ter assim opportunidade de assistir "Dansa, Amor e Ventura", o ultimo film confeccionado em Pernambuco, que provavelmente Dustan pretende exhibir entre nós.

Os organizadores da Metropole Film não deram o menor vislumbre de sua existencia a "Cinearte", que continuaria até hoje ignorando realmente a sua actividade, se não fosse o interesse com que esta revista acompanha todo o movimento cinematographico do Brasil, revelando, quer queiram ou não, aos seus interessados, todas as iniciativas pela nossa filmagem.

Foi, pois, "Cinearte", quem primeiro noticiou o emprehendimento de Marques Filho e Isaac Saidenberg, tecendo, em torno, varios commentarios mais do que justos.

Entretanto, no nosso numero 160, dando credito a uma noticia publicada num jornal paulista, adeantavamos mais alguns informes sobre a confecção da "Escrava Isaura", que afinal serviu para fazer com que Marques Filho e outros dirigentes da Metropole viessem solicitar nossa attenção para um pequeno engano.

E' referente ao que davamos Ricardo Severo como director artistico do film; e que elles creditam apenas como autor de um croquis...

Assim, podemos adeantar mais alguns informes a respeito da filmagem.

MAXIMO SERRANO, QUE TANTO SUCCESSO ALCANÇOU EM "BRAZA DORMIDA", AO LADO DE MAURY BUENO, O NOVO GALÃ DA PHEBO.

Como já haviamos dito, os interiores são todos montados no Studio da Visual. A montagem mostra uma sala de visita da época. Noutro, está sendo montada a sala de jantar.

A illuminação ainda é feita com luz de carvão. Os artistas, por isso mesmo, estão com conjuntivite.

A estrella do film foi escolhida entre as candidatas ao "Concurso de Miss Brasil", em S. Paulo. Ao elenco pertence ainda Ruth Gentil, que affirmam ser uma revelação.

Vamos vêr se agora a Metropole Film cuida mais da sua publicidade, informando melhor o publico e popularizando seus artistas.

Mesmo porque, o lucro não é nosso...

Plinio Ferraz está cuidando seriamente da execução de seu film intitulado "As Armas", que será uma Producção Condor, nome que escolheu para a sua empreza. Manoel Bosia será o "stillman" e o director da publicidade.

O elenco do film ainda não está definitivamente escolhido, mas sabemos que estão sendo considerados para os principaes papeis femininos: Zázá Galvão, Zilda Moraes, Clarinha Breil. Aquellas duas, leitoras de "Cinearte" e morenas.... Esta, tambem, "fan" da nossa revista e lourinha, cheia de "it" e graciosa.

No elenco masculino, para galã será Renato Cusano. Genesio Arruda será o comico do film. Herminio Faria, rapaz da sociedade paulista e elemento muito conhecido nas rodas sportivas, será o vilão. Agora, o José Baptista Esteves, um rapazinho fraco e pequenino, num papel de sentimento, parece magnifico.

Vamos, Plinio. Eu posso garantir que suas estrellas já têm "fans"...

O "Diario da Noite", de S. Paulo, publicou um annuncio pedindo cinco rapazes, que queiram associar-se para levar avante uma companhia cinematographica.

Garante seriedade absoluta e dá o nome Aldo Dolan para resposta.

A despeito da garantia acima, haverá alguem capaz de nos informar quem seja este Aldo Dolan?...

Sob a direcção de J. G. de Carvalho, está para ser inaugurada em S. Paulo uma empreza productora de films. Convém dizer que não é necessario sómente vontade, para se conseguir realmente produzir pelo menos um film. E' bom reflectir bem, pezar bem todas as probabilidades, antes de iniciar qualquer coisa.

A Gloria Film, de Recife, acabou, sem mesmo ter principiado. A proposito, recebemos uma carta de Marcos Alberto Benbassat, que foi da commissão fiscal.

Tambem Ary Severo nos escreveu negando que tivesse acquiescido tomar parte naquella empreza. O que houve foi terem incluido o seu nome na directoria, sem que para isso fosse consultado, mas que immediatamente elle reclamára sobre isso. Assim sendo, é de justiça excluir seu nome da Gloria Film.

DE PORTO ALEGRE

(Correspondencia enviada por Lulú Geraldo)

"Amor que Redime", um film que faz honra á industria do film nacional, foi passado em todo o interior do Estado, distribuido pela Paramount.

ESTE E' O PEDRO FANTOL

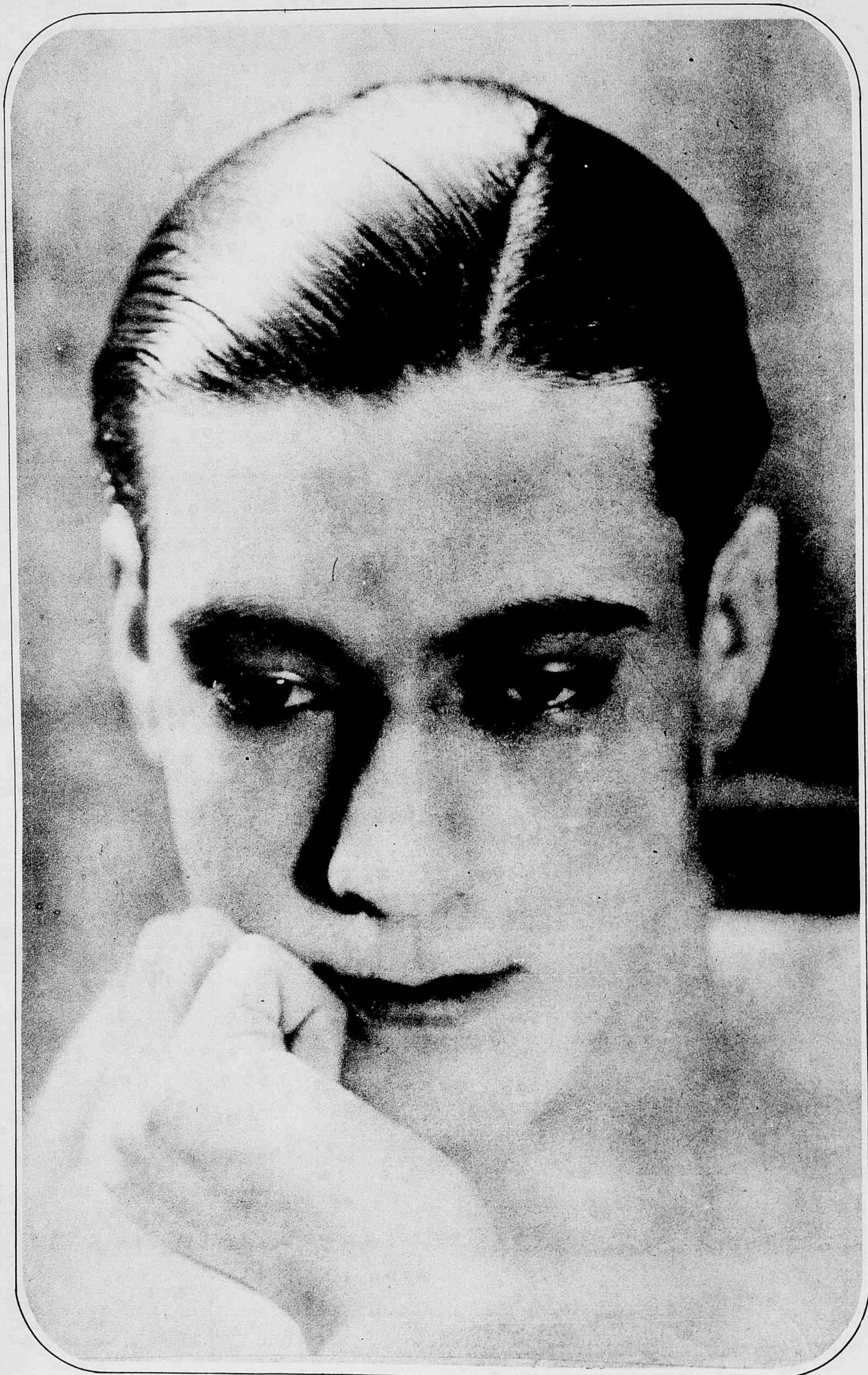
De volta veiu em estado de lastima, talvez triturado pelos "jacarés", titulo dado ás machinas de projecção do interior.

"O Guarany", exhibido ha mezes no Central, depois de sua première no Apollo, teve boa assistencia. Sobre o boato espalhado de ter a empreza do Central occultado propositalmente a nacionalidade do film, parece não ser veridico. O que houve foi um mal entendido, devido os cartazes trazerem o nome da Paramount, e como tal a annunciaram os jornaes. A empreza Sirangelo Irmãos, proprietaria do Central, foi a exhibidora em primeira mão dos films "Amor que Redime", "A Carne" e "Um Drama nos Pampas", todos films nossos.

A Uni-Film vae fazer um film sobre a mais bella do Rio Grande do Sul. Picoral é o "camera-man".

CELSO MONTENEGRO, RUTH GENTIL E IRIS THOMAS, EM "ESCRAVA ISAURA", DA METROPOLE FILM

Ralph Graves e John Miljan coadjuvam Olive Borden em seu ultimo film.

Assistindo os films nacionaes os brasileiros têm a mais nitida impressão da grandeza da nossa patria, onde a natureza foi prodiga na creação de locaes apropriados para a Industria Cinematographica.

CARLOS MODESTO...

MARIA...
CASAJUANA,
NÃO.
ALBA!

PHYLLIS HAVER, LOURINHA DE NASCIMENTO

PHYLLIS E' FRANCA E TEM POUCAS AMIGAS...

As louras dividem-se em duas especies — louras de nascimento e louras artificiaes. Phyllis Haver pertence a primeira especie. Os seus olhos azues resplandecem com clarões louros, a sua personalidade tem a actividade das morenas. Ha o sufficiente de sangue irlandez nas suas veias para trazel-a sempre bem humorada. E tambem o bastante de inclinação financeira.

Phyllis é uma criatura de uma vivacidade sem igual. E' uma esplendida companheira. Revela-se em poucos segundos. E' de uma espantosa franqueza de caracter. Tem poucas amigas, mas todas representam mais de dez annos de amizade. Todas a conhecem desde os máos dias de sua vida. Sim. Ella já explorou todos os recantos da adversidade mais atroz.

E' facilimo contar-se com a sympathia popular quando se tem a porta aberta a todos e a todos se diverte agradavelmente. Hollywood não tem passado. Vive unicamente no presente. E treme pelo futuro. Phyllis aprendeu esta lição nos dias em que o seu estomago marcava horas. E no entanto, cousa curiosa, isso nunca a preoccupou. Para falar a verdade ella é uma fatalista. As cousas acontecem quando tem de acontecer.

Ha alguns annos passados quando ella, Richard Dix, Mac Bush e varios outros artistas fizeram "O Apóstolo", sob a direcção de Maurice Tourneur, cada um delles, logo após a exhibição publica do film, travou conhecimento com o successo á excepção de Phyllis Haver. Embora a sua performance fosse optima ninguem lhe deu attenção. Vocês julgam que o facto a importunou? Não. Limitava-se a desculpal-o com esta phrase: "Ainda não havia chegado a minha vez."

Pouço tempo depois ella submetteu-se a uma operação. Os medicos fizeram-n'a abandonar toda e qualquer diéta. Entrou a engordar. Obedecia ordens. Engordou, engordou, engordou. Já estava de posse de um corpo pesado. Começou a ter difficuldades para encontrar trabalho. As suas finanças entraram em franca decadencia. Embarcou para New York para tomar parte num film. E devido ao seu peso os criticos principiaram a deixar de notal-a.

Foi então que ella resolveu voltar a Hollywood, com uma firme resolução. Com ordens do medico ou sem ellas entraria em diéta novamente. E durante tres mezes só se alimentou de vegetaes. E de novo as suas curvas harmoniosas appareceram. Passou a ter o mesmo peso de antes. E hoje ainda o tem — 57 kilos.

Ella é uma interessantissima combinação de instincto e pratica, de simplicidade e sagacidade, de ingenuidade e intelligencia. Ella tem a graça para dirigir os seus negocios e a discreção para impedir que outros os dirijam.

Constantemente se lança em perigosas especulações commerciaes. Numa conversação fala de tudo. Fala de suas especulações, fala dos maravilhosos dias em que em companhia de sua "gang" passou umas curtas férias do hiate de Don Lee. Explica logo que Don Lee é um dos maiores commerciantes de automoveis de Los Angeles. E fala que começou com Mack Sennett a razão de doze dollars por semana, ha uns bons quinze annos. A sua franqueza desarma os seus inimigos e é a sua principal arma contra os curiosos.

Sob a grande aimação que a caracteriza existe uma forte inquietude. Inquietude que vem de longe, do passado, dos dias em que lutou duramente pela vida. Deve ser o desapontamento de haver descoberto que do outro lado do horizonte é tudo a mesma cousa. Ou então o resultado das picadas da critica maldosa, que fere de preferencia as creaturas com a sua vivacidade. Phyllis não deve ter limites na sua vida. Geralmente faz o que quer. Pode ser que ella soffra. Pode ser que ella tenha as suas incertezas. Seja lá como for — a vida é o seu prazer.

Depois que ella conseguiu diminuir o seu peso ainda continuou a ter difficuldades para conseguir trabalhar. A Fox precisava de uma pequena maliciosa e picante para um papel em "Sangue por Gloria". O papel era pequeno — uma ponta, na verdade. Foi offerecido a Phyllis. Sem hesitação ella o acceitou.

O que ella conseguiu com o seu trabalho todos sabem de sobra. Applaudiram-n'a delirantemente. Os productores são como as crianças. Não fazem o que os outros mandam. Procuram e fazem o que lhes dita a vontade.

As offertas choveram sobre Phyllis depois de "Sangue por Gloria". Foi um momento glorioso para a pequena que não "desistiu" da luta. Foi contractada por Cecil B. De Mille. Quando o seu salario semanal começou a vir regularmente, ella decidiu guardar a sua maior parte no banco: Hoje ella possue uma casa encantadora no Orange Grove Drive. E sua mãe

vive com ella. Não teme o futuro. Nunca será surprehendida com a carteira vasia novamente.

Quando tinha ainda oito annos de idade a menina Phyllis foi para o Oéste viver com sua avó. O tempo passou. Entrou para a escola superior. Férias. Um dos collegas lhe disse que faria successo si experimentasse os films. Ella respondeu que não fazia a menor idéa da maneira como experimentar tal cousa. O rapaz offereceu-se para mostrar-lhe os meios. Isto teve logar ha quinze annos. O primeiro studio a que ella foi ter pela mão deste tal rapaz foi o da Paramount. Marshall Neilan dirigia um film. Ella conseguiu ser acceita como "extra". Neilan notou-a na multidão e elevou-a a vendedora de cigarros na sequencia do "cabaret". Chegou mesmo a dar-lhe um "close-up".

Por este trabalho ella recebeu cinco dollars por dia — ordenado realmente enorme para si, então. Uma sua amiga era amiga de uma pequena que estava noiva de Hampton Del Ruth, então director da Mack Sennett. Phil foi ver Hampton disposta a mencionar a sua noiva para melhor garantia.

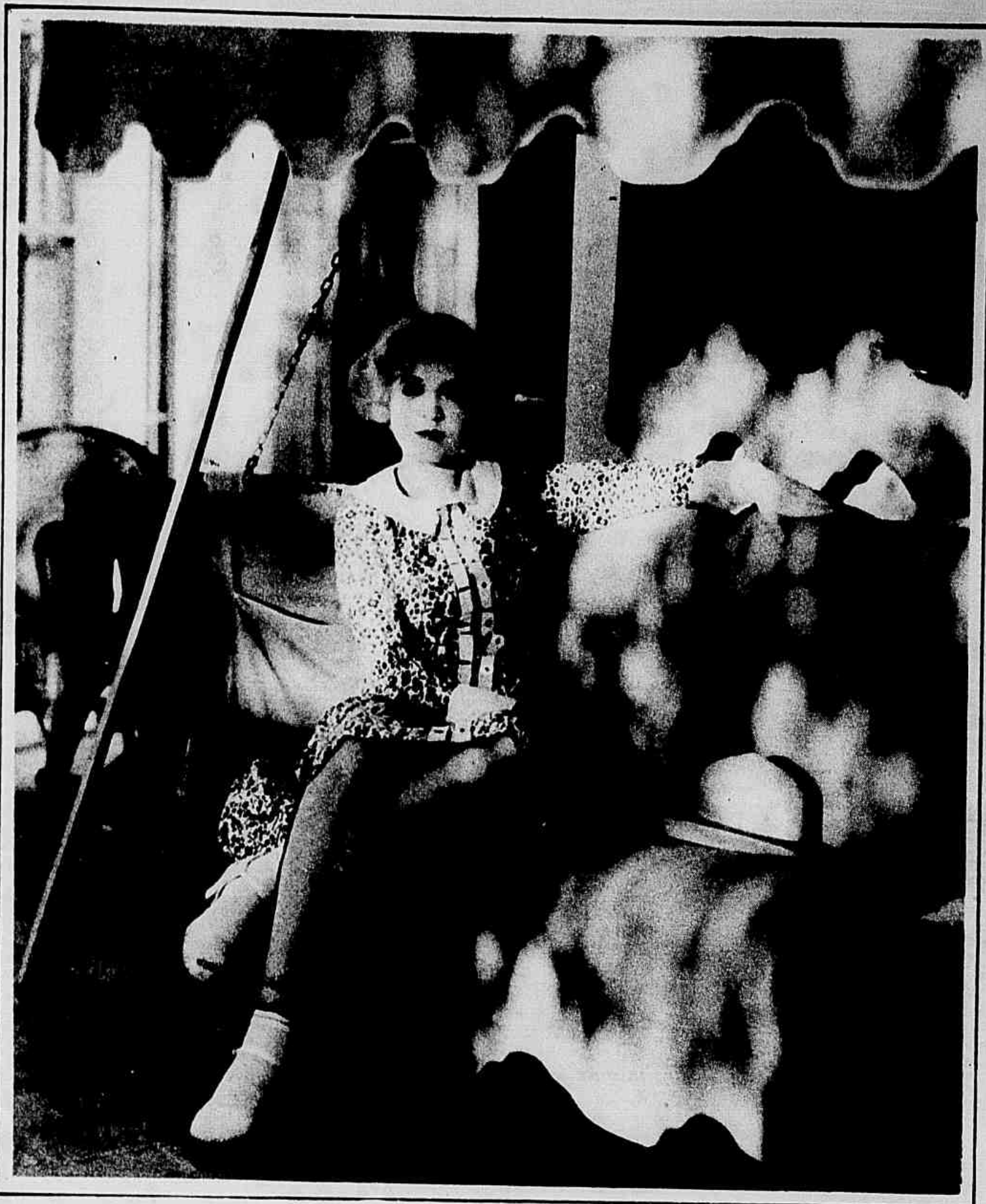
Tomou um taxi e partiu para o "lot" de Sennett. Mas ao chegar lá não pôde encontrar o portão por onde deveria entrar. No meio da sua hesitação foi interpellada por um homem.

"Que faz aqui, menina?"

Contou-lhe a sua historia, toda envergonhada — desejava ver Hampton Del Ruth.

"Que quer com elle?"

E ella tambem encontrou uma resposta para esta pergunta.

"Eu sou Hampton Del Ruth", apresentou-se o tal homem. Phil engasgou-se. "Venha commigo!" — foi o termo da conversa entre ambos. Levou-a para dentro. Passaram pelo porteiro, subiram uma escada, e foram ter a um escriptorio. Lá estava um homem de cabellos quasi brancos, de olhar frio, olhos azues e labios finos. Era Mack Sennett. Nem um dos dois prestou muita attenção a Phil após esta scena. Ambos deixaram o escriptorio dizendo que ella os esperasse.

Pouco depois voltaram.

"Você terá doze dollars por semana e um contracto" — falou Sennett. Phil saltou de contente. Sahiu do studio. Estava contractada. Ella havia estado a sós com dois homens de Cinema num escriptorio e nada de mal lhe havia acontecido. Phil aprendera mais uma lição — viu pela primeira vez a differença que existe entre o que se diz e a realidade. Marie Prevost, Gloria Swanson, Vera Reynolds, Mary Thurman e muitas outras pequenas trabalhavam no "lot" de Mack Sennett naquelle tempo. Phil era uma Maria Ninguem comparada com as outras. Uma cara nova, apenas.

Phil riu-se muito, riu-se de satisfação incontida, quando fez um papel de criada numa comedia em que Vera Reynolds era a heroina.

"Eu não fazia a menor idéa de como devia agir uma criada. Por isso quando cheguei ao "set" perguntei a Vera Reynolds. Ella me lançou um olhar de offendida e tirou-se de minha vista. Segui-a. Eu só cuidava de obter uma lição o mais depressa possivel. Repeti a pergunta. Desta vez Vera olhou-me friamente e disse: "Estou certa de que não sei. Nunca fui uma criada". Foi pouco depois deste encontro que ambas se tornaram amigas. Uma das mais agradaveis recordações de Phil diz respeito a um film de

(Termina no fim do numero).

MAIS UMA...
LUPITA TOVAR...
TAMBEM E' DO MEXICO...
(VIVA O MEXICO!)

EU PODERIA SEDUZIR QUALQUER MARIDO...

EU SERIA CAPAZ DE SEDUZIR QUALQUER MARIDO AMERICANO. E' TÃO FACIL. EM CINCO MINUTOS. APENAS; NÃO TENHO TAES DESEJOS. QUANTO MAIS CONHEÇO OUTROS HOMENS, MAIS AMO MEU MARIDO.

A coisa mais facil deste mundo é tomar um marido americano da sua esposa, declara Camilla Horn. Eu poderia, si quizesse seduzir qualquer marido. Mas não faço, porque não quero".

Camilla é unica. Camilla é extraordinaria, inacreditavel. Ella não tem o genio da "reclame". Imaginem semelhante declaração na bocca de um agente de publicidade!

Camilla pode ser considerada o "enfant terrible" do lot da United Artists, porque fóra da téla ella não sabe representar nem deitar "póse".

Camilla Horn nasceu na Allemanha, tem os cabellos louros e olhos que parecem azulados, mas que ella affirma serem da côr que quizermos, castanhos, azues ou verdes. São olhos furta-côr, grandes e claros, sombreados de cilios negros.

"Ah! exclamou ella, ao ser apresentada á jornalista Winifred Reeve. Creio que talvez eu já lhe tenha sido apresentada. Não? Tenho conhecido tantas jornalistas! A's vezes é mesmo um grande prazer para mim. Quando cheguei da Allemanha fui procurada por uma verdadeira multidão de jornalistas; como eu não sabia falar inglez, elles me contemplavam e eu lia em suas physionomias o que se punham a pensar:

— Ah! Essa Camilla Horn é... uma creatura estupida!

"Todo mundo pensa que eu sou estupida, por causa do meu genio retrahido. Quando vou a alguma reunião, sento-me num canto e fico quieta, e o pessoal diz logo: Ah! essa pequena é sem graça, estupida! Mas não é exacto, eu não sou nenhuma estupida!" — exclama ella com ardorosa convicção.

"Eu creio, diz-lhe Winifred Reeve, que como muitas das estrellas estrangeiras que aqui aportam, você é alguma condessa da mais alta linhagem do vosso paiz".

"Oh! não, não! Gente muito modesta. Boa gente e pobre. Quando meu pae morreu fui trabalhar. Tinha um irmãozinho e uma mãe para sustentar... Que fiz eu?" E Camilla abaixa a voz em tom de confidencia, e com uma expressão de sinceridade nos olhos castanhos, ella continuou: "Vou lhe dizer o que fazia, pijamas. Desenhava-os, cosia-os e levava-os á loja onde os vendia".

E era com verdadeiro desvanecimento que ella accrescentava:

"E eram bem bonitos e chics".

"Mas como entrou para o Cinema?"

"Ah! vou lhe dizer, fala Camilla, que começa invariavelmente o discurso, com essa expressão. Um dia o Sr. Murnau viu-me na rua, parou e cravou os olhos em mim. Depois falou:—Você é a "Margarida" para o meu "Fausto!"

Achei graça e respondi: — Que asneira! Eu não sou graciosa como Margarida!"

O Sr. Murnau respondeu, dizendo que eu comparecesse ao seu Studio no dia seguinte. Continuei a não acreditar na historia e não falei nada a minha mãe, attendi ao convite. Naquelle mesmo dia elle assignou commigo um contracto. Era muito dinheiro. Quanto dinheiro! Eu nem respirava, tanta era a emoção. Pensei logo em comprar um castello para minha familia. Ah! como me senti feliz. Nunca, nunca mais terei um momento de felicidade como naquelle dia".

E sobre as suas impressões dos Estados Unidos e do seu trabalho ali:

"A's vezes não me agrada. Quando vi a exhibição previa de "Tempestade" cheguei a chorar. Tudo quanto eu havia feito de bom fôra cortado. Só deixaram o que me apresentava como bonita pequena. Eis tudo. Mas no novo film que acabo de fazer com Barrymore, a coisa é differente. O Sr. Lubitsch facultou-me todas as opportunidades, e sou admiravel nesse film. Você vae ver e dirá a mesma coisa tambem!

Barrymore é um excellente homem. Tratame com muita amabilidade quando estamos sós, mas no "lot" não me posso approximar delle. Fica sentado a fumar cigarros e sempre rodeado de uma multidão. E' um rei e eu não sou nada".

E que pensa Camilla Horn das estrellas americanas?

"Ah!... Greta Garbo é maravilhosa... e não precisa representar. Ella é simplesmente Greta Garbo. Mary Pickford tem feito algum trabalho excellente. Num film que vi, ella se mostra verdadeiramente grande. E' uma historia simples. Seu pae é um policial. Mary prepara uma festa para festejar o anniversario delle. Faz uma gravata para presenteal-o e colloca no seu prato uma escova de dentes.

Mas o pae de Mary não chega, e a expressão que ella dá ao seu rosto quando vê chegar um collega do pae, é de uma grande artista. Nunca vi coisa melhor. A seguir ha Norma Talmadge.. Costumam insinuar que Norma é obra de Joe Schenck, seu marido. Mas isso não é assim. Ella fará successo em toda parte, porque Norma é uma grande artista de verdade. Adoro tambem Lillian Gish. Mary Philbin é uma doçura, mas tão timida. E' pena! Si ella despertasse!"

A jornalista teve curiosidade de saber o que pensava Camilla dos homens americanos. Preferia-os aos europeus ou não?

"Olhe, vou lhe dizer. Para mim... prefiro os europeus". Deve-se dizer que Camilla é a primeira artista estrangeira que faz restricções nos elogios ao homem americano. "Vou lhe dizer. Quando o europeu se casa, a sua mulher é para toda a vida. Os maridos americanos se deixam arrebatar ás suas esposas muito facilmente, mesmo quando têm uma mulherzinha bonita e filhos. Eu seria capaz, si quizesse, de seduzir qualquer marido aqui. E' tão facil. Em cinco minutos. Apenas não tenho taes desejos".

E Hollywood?

"Boa cidade, talvez... mas muito cheia de mexericos... Vou lhe dizer: até commigo quizeram fazer escandalo. Quando aqui cheguei sentia-me tão só, passava os dias inteiramente solitaria, e entristeceu-me pensando em minha mãe, que não quiz vir com medo da travessia do oceano, pensando em minha casa em Frankfort. Um dia falei ao Sr. Schenck que estava com vontade de voltar ao meu paiz, tal era o isolamento em que me via. — Não seja tola, Camilla, respondeu elle, eu te levarei a passeio e te farei companhia.

E assim fez. Mas quando eu entrava com elle nos restaurantes ou em outro qualquer logar, notava que as cabeças se approximavam e cochichavam".

E affirmando que isso era uma calumnia, Camilla se afogueava de colera e batia com o pé.

Que não fizesse caso, observou-lhe a interlocutora; eram coisas de Hollywood. De resto ella

(*Termina no fim do numero*)

Fazendo FITA

(SHOW PEOPLE)

FILM "METRO-GOLDWYN-MAYER"

Peggy Pepper, MARION DAVIES; Billy Boone, WILLIAM HAINES; A criada, POLLY MORAN; Coronel Pepper, DELL HENDERSON; André, PAUL RALLI; O director de contractos, TENEN HOLTZ; O director, HARRY GRIBBON; O director dramatico, SIDNEY BRACY; King Vidor, o proprio.

Para centenas de corações esperançosos, existe no mundo uma cidade promissiva de gloria, fama e fortuna: HOLLYWOOD. Talentos pobres, talentos ricos, vontades fracas, vontades fortes, caras feias, bonitas, gente gorda, gente magra, velhos, moços, — toda uma legião de illudidos, busca, diariamente, os "casting-offices" da terra do film.

No meio dessa turba immensa, estava a senhorita Peggy Pepper, meia caipira, que esperava, mal entrasse em Vine Street, encontrar toda Hollywood a sua espera. Succedeu, porém, o contrario. Tanto ella como seu pae, que se ufanava de ser coronel na sua terra, a Georgia, passaram por máos bocados. Havia cada uma, naquella terra onde se desconheciam os ornamentos sociaes da sociedade de Georgia, como Peggy e o seu progenitor!

Um dia, porém, num restaurante de extras de Cinema, Peggy e o pae tiveram como companheiro de mesa, Billy Boone, um rapaz que tambem tivera as suas illusões sobre o cinema, mas que, agora, philosophicamente, resolvera esperar a opportunidade, e por isso até se sujeitara a trabalhar em comedias, daquellas comedias "mambembes", em que todo o mundo, no fim, está de cara suja de pasteis, pudins e massas! Para começar, Peggy implicou com a cara de Billy. Que cara de semvergonha! Credo, onde se vira daquillo em Georgia! Só mesmo em Hollywood, que era terra tão ruim, que até nem se apercebera da sua presença e não a recebera como era de direito! Por seu lado, Billy, tambem viu em Peggy e o coronel Pepper dois legitimos "tabaréos", e não perdeu opportunidade de fazer gracinhas. O resultado foi estupendo e natural: como começassem com picuinhas e implicancias, Peggy e Billy acabaram em namoro. E o rapaz propôz: já que ella ainda não conseguira logar no cinema, fosse ao studio onde elle trabalhava, para fazer uma experiencia. A tarde Peggy lá appareceu, mas com o mais horrendo "make-up" que se possa imaginar.

Depois, a sua surpreza foi ás raias da indignação, quando viu que estava tomando parte numa comedia genero "pastelão", no meio de cincoenta pudins e pastellões espatifados pelo chão em logar de estar representando num drama de grande luxo e grandes emoções. Oh, era abominavel! Vieram as lagrimas, o desespero. Mas o director e Billy explicaram: não queria Peggy fazer carreira no Cinema? Pois era preciso sujeitar-se a tudo. Foi assim que Gloria Swanson, Bebé Daniels e Harold Lloyd começaram...

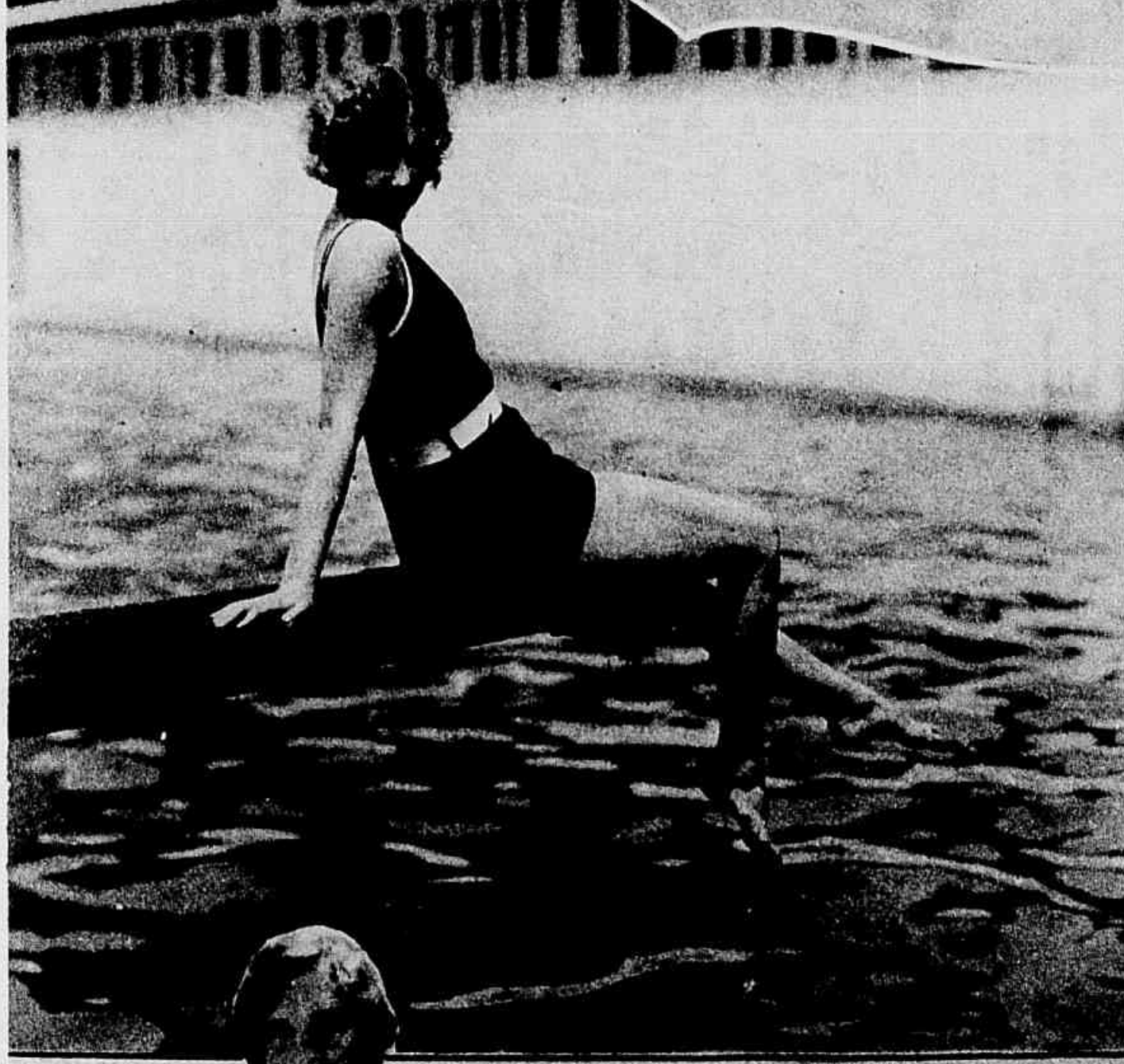
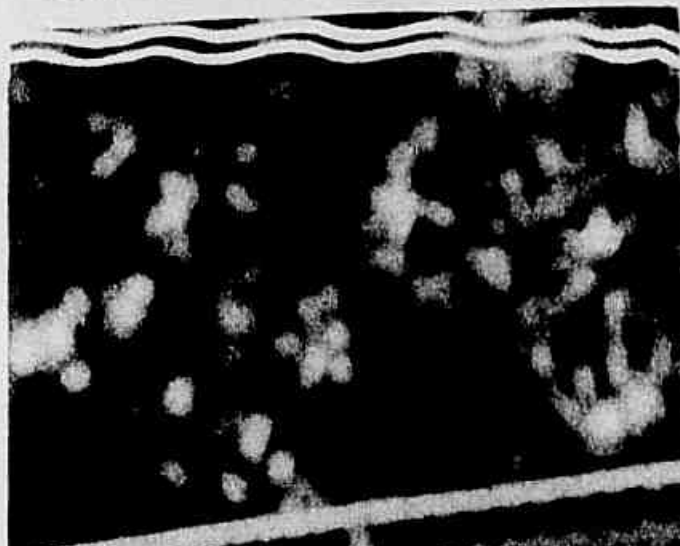
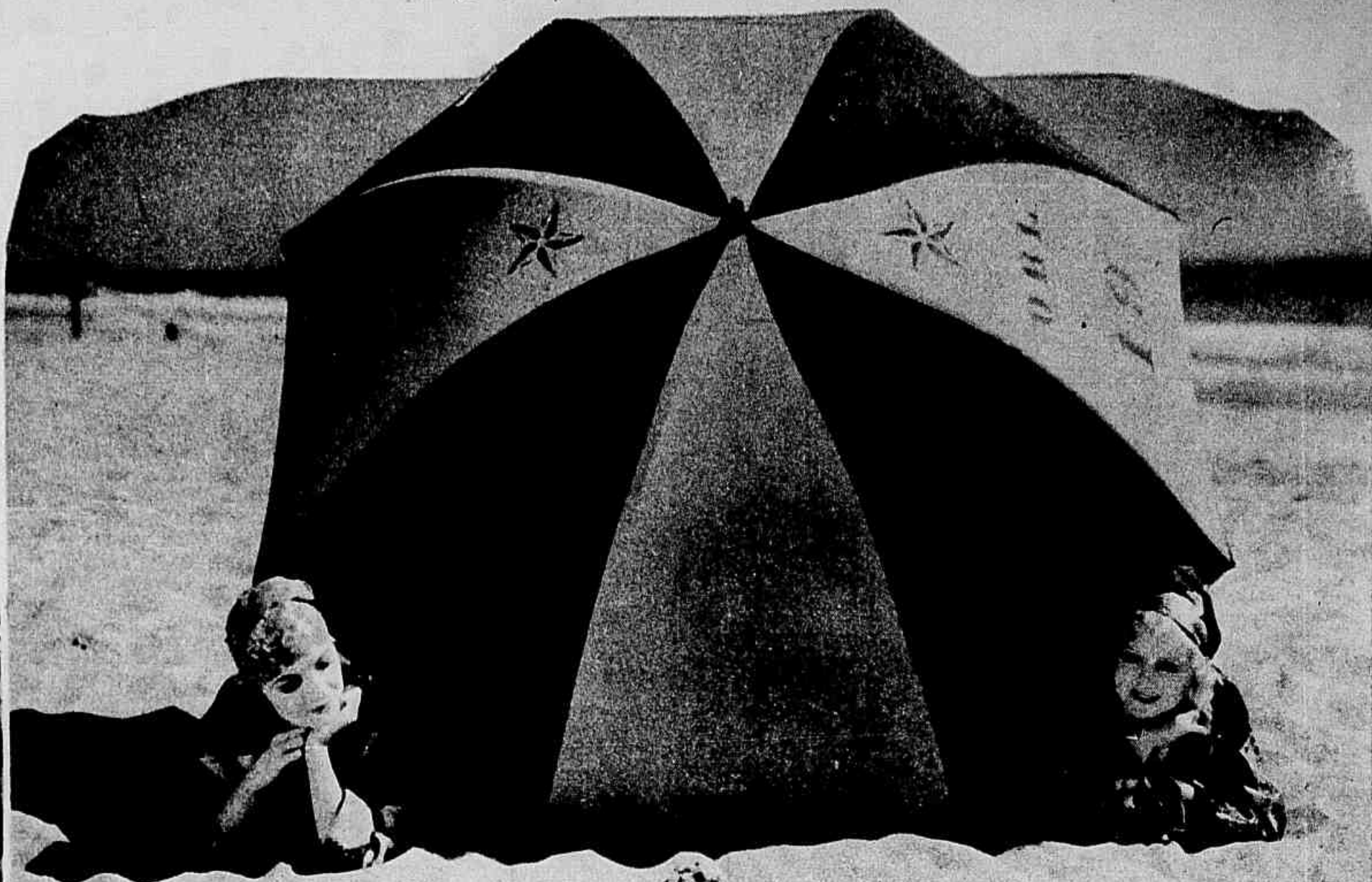
E assim, Peggy Pepper, que não podia esquecer os seus successos sociaes na provincia de Georgia, levou muito tempo com a cara suja de massas brancas, pudins e pasteis, nas comedias. Um dia, porém, foi escolhida para um desempenho fino, e quando houve necessidade de retiral-a da companhia de Billy, ella sentiu que já o amava. Que pena! Estavam tão amiguinhos! Peggy fez o possivel para que admittissem Billy tambem, mas não havia papel para galã e sim para uma heroina, apenas...

E foi desse modo que Peggy, passando a chamar-se Peggy Pepoire, abriu a sua carreira no cinema. Em pouco tempo era um nome

(Termina no fim do numero).

Nas praias da California

BETH LAEMMLE

AGNES FRANEY E MYRNA LOY

PEQUENAS DA UNIVERSAL

QUEM NÃO CAHIRA' NAGUA COM ESTAS PEQUENAS?

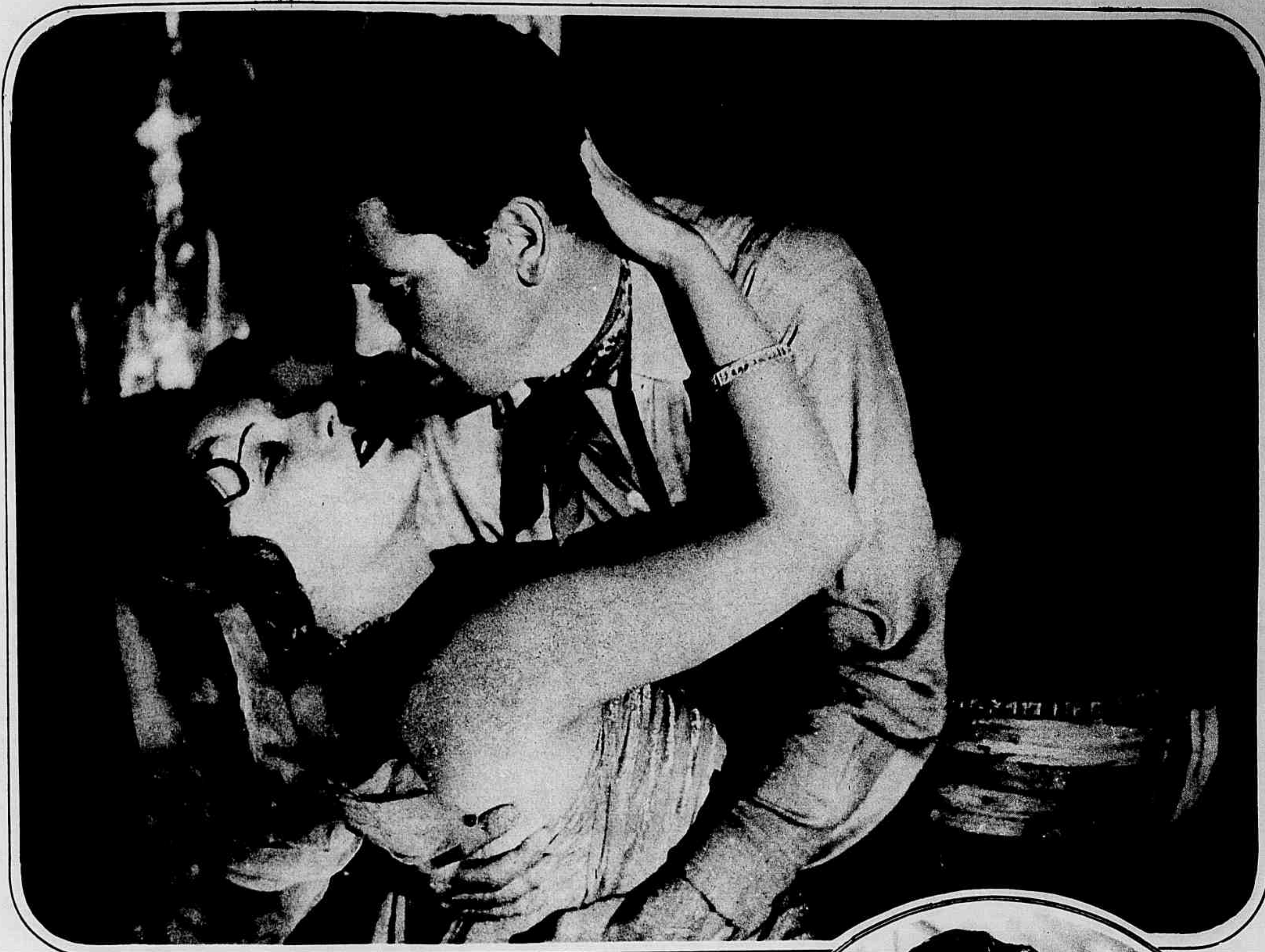
AS QUATRO SÃO JEAN ARTHUR

CULPAS

(THE RESCUE)

FILM DA UNITED ARTISTS COM RONALD COLMAN, LILI DAMITA, Alfred Hickman, Thedore Von Eltz, John Davidson, Philip Strange, Bernard Siegel, Sojin, Harry Cording, Laska Winters, Duke Kahanamoku, Louis Morrison, George Rigas e Christopher Martin.

Tom Lingard, proprietario do brigue "Lightning" deixara a Inglaterra em demanda aos mares de Java levado pelo seu espirito sequioso de aventuras. Nessas paragens vive elle solitariamente, sem outro confidente que o seu piloto Jorgensen, e amando unicamente a sua embarcação.

Hassin, rajah de Wajo, salva Lingard da sanha assassina dos nativos, resultando do seu acto a perda do throno. O "Rei Tom" como é conhecido Lingard, abriga-o em seu veleiro afim de planejar a reconquista do throno. Belarab, chefe de uma das tribus da região, muito chegado por interesse a Lingard, promette apoial-o juntamente com Daman, poderoso pirata. O casco de uma velha escuna, encalhado na enseada de Belarab serve de arsenal para armas e munições. Quando os preparativos estavam quasi terminados, o hiate pertencente a Travers, snob e pretencioso membro do Parlamento Inglez, vem a encalhar nas proximidades da villa, tendo a bordo além do seu proprietario, a formosa senhora Travers e D. Alcacer, elemento proeminente da nobreza hespanhola. Em vão Lingard procura convencer Travers de passar-se para o brigue afim de evitar qualquer ataque dos nativos, a que se encontra exposto.

de AMOR

Travers irrita-se chamando a Lingard de reles aventureiro. Horas depois elle desembarca na companhia de D. Alcacer, afim de conseguir auxilio para desencalhar a embarcação.

Na ausencia destes, Lingard procura Lady Edith Travers, afim de apresentar-lhe desculpas pelas palavras asperas que fôra obrigado a dirigir a seu marido.

Ambos sentem-se possuidos de uma viva sympathia, que pouco falta para converter-se em paixão violenta.

Despresando os conselhos do "Rei Tom". Travers e D. Alcacer, vão ao encontro da tribu de Daman, que sem tardança os faz prisioneiros. Sabedora da situação afflictiva de seu marido, Lady Edith supplica a Lingard de os salvar. Embora

Daman estivesse firmemente disposto a fazer decapitar os dois estrangeiros, Lingard obtem com o prestigio da sua palavra a liberdade dos mesmos sob a condição de os entregar novamente caso ordenem ou pratiquem qualquer violencia contra os indigenas.

Lingard manda avisar a Carter, capitão do hiate de Travers e que provisoriamente ficara commandando o brigue "Lightning" de não molestar os nativos. Ignorando a missão de paz que levavam estes, Carter manda fazer fogo sobre as minusculas pirogas, matando dois homens. Ante tal attitude, embora inconsciente, Lingard vê-se obrigado a restituir os prisioneiros.

Daman apodera-se do hiate, bem como de Immada e Hassim, este, porém, tivera tempo de enviar a Lingard o annel que por combinação entre elles, significa grave perigo.

(Termina no fim do numero).

Janet Gaynor do Cinema Silencioso...

ELLA E' UM TYPO DE GRIFFITH, MAS TRABALHA COM BORZAGE...

(DE L. S. MARINHO, representante de "CINEARTE" em Hollywood)

Ha momentos em que ella é assim.

Parece um sonho... Não é mulher. Nem menina. E' uma e outra cousa. Transforma-se conforme a situação do film exige...

Diana! Meiga... Triste... Um typo de Griffith. Anjo das Ruas... Alma que volta. Aurora. Setimo Céo... Tudo isto é Janet Gaynor.

Nos films.

Na realidade, só sei que ella é linda. Tem um rosto de pelle assetinada. Um sorriso que encanta. E uns olhos... olhos de Janet Gaynor!

Suas mãos são pequeninas. Os dedos não são delgados nem esqualidos. Tem a mão carnuda, os dedos redondos. Sensuaes. Quando apertei aquella mão que me estendeu amavelmente, quasi desappareceu entre a minha. Tão pequenina. E tão macia.

Mas ao ouvir a sua voz, pronunciada com estalidos estridentes, numa alternativa desuniforme, senti receio de perder minha illusão. E não fôra estar na presença de um genio, e não ignorar esta particularidade, teria desapparecido todo o meu enthusiasmo.

Nem podia ser de outra forma. Para mim, considero Janet Gaynor uma das maiores artistas do Cinema. E esta admiração profunda não póde ser menospresada, só pelo facto da sua voz ser tão differente da impressão ideal que sua figurinha apresenta.

Levei um anno para pensar desta forma. Sim, um anno que eu a conheço, que a cumprimento, que recebo seus sorrisos, e tenho estado a seu lado algumas vezes, sem atrever-me a falar-lhe senão ligeiramente... Eu sabia desta anomalia de sua voz, e tinha mêdo duma decepção. Mas quanto mais reflectia nesta minha falta, tanto mais sentia o dever de ouvil-a, de dar minhas impressões para os leitores de "Cinearte", onde muitos serão como eu, admiradores de sua Arte e do seu typo tão interessante de menina e moça. Esta predisposição para entrevistal-a, nasceu durante o tempo em que Janet estava em New York, de onde voltou recentemente, depois de ter gosado excellentemente o tempo que passou na cidade dos arranha-ceus...

Não sei porque eu sentia saudades de Janet. E quando ella voltou e começou a filmar "Street Fair" que depois passou a chamar-se "Christina", uma historia passada na Hollanda, eu resolvi trazel-a á presença dos seus admiradores, tal como a vejo, falo, e admiro.

Janet Gaynor é miudinha. Tão pequena que não sei como póde accumular tanta Arte em si. Tão pequena que um admirador sincero de seu talento, terá vontade de agarral-a, aper-

tal-a, machucal-a levemente e depois guardal-a dentro do coração... do pensamento... de sua propria alma...

Um admirador em sua presença, não vê Janet Gaynor. Não vê seus cabellos de fogo. Não vê seus olhos castanhos escuros. Nem sua mão pequenina...

Um admirador em sua presença, não ouve sua voz tão em contraste com sua Arte. Não procura apenas, a sua belleza physica mas tambem a belleza de seu espirito...

E um admirador em sua presença, não vê apenas isto. O que elle vê tambem e com o que se extasia, é sua Arte natural, espontanea, de artista consummada. Vê a "Diana". Vê a interprete do "Anjo das Ruas" e verá "Christina" muito breve.

Eu fui encontral-a vestida de Hollandeza, em Fox Hills, num "set" representando uma cidade de Hollanda. Depois de ter sido franceza, foi italiana e agora, faz o papel de uma filha do paiz dos moinhos.

Os cumprimentos de estylo, e entramos em palestra. Uma palestra intercalada com diversos "pardons", que fazem perder o controlle á uma pessoa bem intencionada. E como eu iniciara a minha entrevista por uma pergunta que devia ser uma das ultimas, escreverei pela mesma forma.

Para Janet neste momento, ainda lhe é difficil fazer um termo de comparação, entre Frank Borzage e William Howard que a dirige actualmente. Neste film actual, ainda não fez grandes scenas para dar-lhe margem a tal julgamento.

Particularmente, eu julgo que sua opinião é favoravel á Borzage. Deduzo pela sua vacillação em definir minha pergunta...

Encostando sua cabeça no balaustre da escada que guarnecia o "set", Janet com toda sua expressão angelical, disse-me quasi sorrindo: "Mr. Marino, cada um tem uma maneira de exprimir o seu sentimento. Mr. Borzage fez dois films commigo, talvez me comprehenda melhor".

O final de sua phrase, dita sem nenhuma affectação, mostrou claramente a modestia de que é possuidora, mesmo sabendo-se grande artista no Cinema.

A Fox separou-a do Charles Farrell, porém, vae unil-a mais uma vez. Não sei seu ponto de vista. Só sei que foi contra seu gosto tal separação. Pude notar pela vivacidade que me respondeu. A alegria que mostrou em seu semblante, ao dizer-me que irão fazer um novo film, fez-me antever muitos pensamentos secretos...

E a pouco e pouco, fui esmiuçando sua vida... Como Janet Gaynor chegou a estrella, é sabido. Na historia da cinematographia, sua ascenção foi uma das mais rapidas e espectaculosas.

Nascida em Philadelphia em 1907, frequentou as escolas necessarias a sua educação. Quando a terminou, sahindo graduada em 1923, tinha duas carreiras a escolher: leccionar ou negociar.

Decidiu-se pelo commercio. Imaginem Janet Gaynor como negociante!

Seu padrasto ficou mais que satisfeito, quando a viu desistir da idéa, pois elle sempre a desejou no theatro, julgando-a possuidora de vocação, pelo que via, quando Janet em casa, imitava os visinhos. Dahi a resolução de virem para Hollywood onde chegaram dois dias antes do Natal de 1924. Logo no dia seguinte, ella deu inicio a sua peregrinação pelos Studios. A sua personalidade impressionou um "casting director". Assim seu Natal foi coroado de exito e no dia seguinte teve seu primeiro trabalho como extra.

Entre os desapontamentos que soffreu desde que começou a tentar o Cinema, recorda-se mais de um que passou, no mesmo Studio onde hoje é estrella.

Foi quando ella se apresentou como aspirante ao papel feminino da serie de historias de "D. Casmurro". Eugenia Gilbert foi a preferida.

Perdeu esta "chance" por outra melhor. E assim, entre mais de cincoenta artistas, ella teve o principal papel no film "Inundação". Seguindo este, vieram "O Beijo da Meia da Noite" e "Alma que Volta". Depois a sua maior gloria: "Setimo Ceu!"

Janet adora a dansa e a praia. No verão, todas as vezes que tem folga, vae para sua casa perto da briza marinha. E' enthusiasta do tennis e do golf, preferindo mais o primeiro que o segundo.

Nós estavamos a sós, no "set", pois toda companhia já o tinha abandonado, por ser hora do almoço. Eu pensava mais uma pergunta, porém uma voz meio cavernosa, e vinda não sei de onde, chamava-lhe, dizendo que ella devia ir á cidade, aos escriptorios da companhia... E por causa deste chamado, tive que deixal-a ir embora... Ao desculpar-se em não poder ficar para continuar a entrevista, offereceu-se para dedicar-me um seu retrato, que serviria de lembrança de nosso ultimo encontro. Assim esperava que eu não me sentisse aborrecido por não ter tido uma palestra mais a minha vontade. Ficaria para quando eu quizesse.

(*Termina no fim do numero*)

As férias de Clara

(THREE WEEK ENDS)

Clara O'Brien	CLARA BOW
James Gordon	Neil Hamilton
Turner	Harrison Ford
Miss Witherspoon	Lucille Powers
A sra. Witherspoon	Julia Swayne Gordon
O Secretario de Turner	Jack Raymond
A Mãe O'Brien	Edythe Chapman
O Pae O'Brien	Guy Oliver
Carter	William Holden

Direcção de CLARENCE BADGER

FILM DA PARAMOUNT

Clara, a gentil "flapper" dos cabellos de fogo, é a mais viva e seductora coristinha de um dos muitos "cabarets" que, ao longo de Broadway, offerecem um lenitivo nocturno aos homens de dinheiro e de trabalho da vertiginosa metropole americana. A familia de Clara é pequena, — ella, seu pae e sua mãe. O pae é um humilde motorneiro e passa os dias enchendo a casa das suas rabujices. A mãe, pobre como é, não tem remedio senão tomar sobre os hombros as duras tarefas caseiras, e a sua vida é uma série infinita de canceiras a que só a alegria buliçosa de Clara offerece o necessario palliativo. Nem porém ella é talisman capaz de acabar com as rusgas domesticas em que se envolvem mãe e pae, ella aperreada pelo excessivo trabalho, elle offerecendo um diversivo ás suas somnecas diurnas, entremeiadas de interminaveis cachimbadas, com esses bate-boccas que não alteram as relações affectivas dos dois conjuges, antes parecem um estimulo ao seu bem-querer reciproco.

No "cabaret", Clara enamora-se de James Gordon, um joven sympathico e muito elegante que ali avistou certa noite. Andava Gordon ao tempo muito preoccupado em fechar um seguro de vida com o millionario Turner, empreza em que vinha baldadamente consumindo ha muitos mezes o melhor das suas energias de vontade e de intelligencia, mas nem por isso deixou de se prender pelos encantos da gentil "chorus-girl" que tão bem sabia pôl-os em destaque, quando delles se soccorria para servir aos impulsos do seu coração.

Mas Gordon não se deixara prender tão fortemente que se viesse a esquecer do seu proposito, e nelle persistia, apezar de todos os anteriores fracassos, com aquella tenacidade caracteristica dos homens da sua profissão.

Esse Turner, filho de um dos muitos multi-millionarios americanos, era tambem assiduo frequentador do "cabaret" onde trabalhava Clara, a quem admirava pela sua graça, pela sua vivacidade e, talvez ainda mais, pela firmeza com que ella lhe havia até então repellido todos os seus avances. Certa noite, por intermedio do seu secretario, Turner convida Clara a visitar a sua vivenda de verão, um precioso chalet rodeado de maravilhosos jardins, situado na aristocratica Long Island. Clara acceita, mas incerta dos verdadeiros propositos de Turner, impõe como condição que elle convide todas as demais jovens do corpo coral do "cabaret".

Informado dessa combinação, Gordon,

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETO FILHO)

Nunca é de menos collocar deante dos amadores o caminho a seguir para a realização de uma pellicula. E' preciso bater sempre nesta técla. As palavras de Arthur L. Gale, do Amateur Cinema League, New York, que passa aqui para as paginas de "CINEARTE", mas ligeiramente commentadas, nunca poderiam vir mais a proposito. Ellas ensinam como deve ser feito o film de amadores e ensinam, antes de tudo, como a nossa orientação, a orientação brasileira, é justamente a mais de accordo com Rochester, o Hollywood do Cinema de Amadores. Arthur L. Gale vem mostrar, com as suas proprias palavras, que os oitenta films de amadores produzidos no anno passado nos Estados Unidos, foram realizados todos elles debaixo das mesmas normas que serviram de assumpto aos artigos precedentemente publicados aqui mesmo. Para fazer Cinema, mesmo Cinema de Amadores, só ha um caminho. E E esse caminho, detalhado naquelles artigos acima mencionados, passa a ser resumido pela palavra de Arthur L. Gale. As observações que interrompem os periodos são minhas. Achei de bom aviso interromper de vez em quando o proprio autor.

"Só o pouco conhecimento do Cinema é que póde dar a impressão de que a sua esthetica é interdita para o amador. O film não passa, no final das contas, de uma historia contada através de um meio diverso do papel, isto é, o celluloide."

Isto é claro. Isto já sabia eu. A esthetica do Cinema não provém da camara, provém do cerebro do director, e quem é bom já nasce feito. Isso de Cinema Objectivo e Cinema Subjectivo é tolice. Si o amador tem cerebro, elle poderá ser um outro Mauritz Stiller sem ter ainda rodado um metro de film Pathé Baby. O Cinema é unica e simplesmente a realização patente dos sonhos de um director, Mr. Gale! Eu proprio já dirigi muitos films... sonhando acordado. Não lhe aconteceu já o mesmo? Mas vamos para diante. Continue, faça favor.

"Entretanto, o meio usado, a camara, tem capacidades particulares e limites tambem particulares. Saber até onde pódem chegar essas capacidades e até onde podem ir esses limites, eis toda a technica do film-historia, ou melhor do film de enredo."

De accordo, Mr. Gale, de accordo. Só a idéa não tem limites nem apresenta capacidades particulares. E a idéa, o Mr. sabe, é o espirito. Isso aliás não é Cinema, é Philosophia. O que o amigo chama as capacidades e os limites do meio usado, que é a camara, é apenas os recursos de que o cineasta póde dispôr, manejando a propria camera, para realizar, "o mais espiritualmente possivel", a creação palpavel da idéa imaginada. Como esses recursos são materiaes, terão por força que ser finitos, tanto no Espaço, como no Tempo. Photographar um par de chinellas não apresenta difficuldade. Mas fazer que esse par de chinellas "signifique qualquer coisa", ou por outra, "que faça nascer uma idéa no cerebro do observador", que aliás em synthese está representado pela propria camara, ah isso é outra cousa! E' essa a funcção do detalhe cinematographico, intercalado na continuidade. E é justamente isso que os francezes não comprehendem.

O scenario sem detalhes não poderia suscitar idéas. E' por isso que seria preferivel escrever o scenario directamente para a camara, já com o germen de detalhes que exemplifiquem o caracter de um personagem, por exemplo. Queira dizer o que pensa a respeito do scenario cinematographico, Mr. Gale!

"O scenario representa a primeira questão que se depara ao amador. Onde obter o scenario devido para ser usado? Onde obter um bom plot para ser scenarisado? A resposta que eu dou é esta: Escreva você mesmo o scenario!"

Isso, Mr. Gale, é a opiião de todo aquelle que tem a pretenção de conhecer um pouquinho de Cinema, profissional ou não; e por isso exclue qualquer commentario.

"A principio poderá parecer difficil a realização de um scenario, devido a essa necessidade de scenarista apresentar-se primeiramente como autor. Mas não seja essa a questão. O amador tem mais liberdade do que o profissional para escrever um scenario. De qualquer historia publicada poderá extrahir elle o seu XX "escripto". Uma idéa, um incidente mesmo poderá dar motivo para esse scenario. Uma vez escolhida a historia, escreva a synopse dessa historia..."

Um momento, Mr. Gale! O que o amigo chama synopse precisa de ser melhor explanado para o conhecimento dos amadores deste meu paiz. Essa synopse é a historia escolhida, o "plot" como se diz na sua terra, coado através da peneira do que eu chamo de tratamento artistico.

"...e depois faça o scenario de accordo com o resultado obtido. Scenario! Essa palavra representa apenas a acção dividida em um certo numero de scenas, cada uma dellas significando um trecho dessa mesma acção, decorrida em um logar previamente definido. Tudo precisa ser estabelecido no scenario. O logar onde decorre a acção, qual é em synthese essa acção, de onde se deve photographar, a que approximação deve ser collocada a camara, si essa acção deve ser iniciada com um abrir do iris e fechada com uma fusão que a ligue á acção seguinte, e assim por diante. Cada acção, isto é, cada scena independente em si, deve ser numerada e deve tambem ser terminada com a palavra CUT. Além disso os angulos desde os quaes se devem photographar essas scenas precisam estar bem definidos. Por exemplo, veja-se este trecho de scenario:

14 — Fade-in. SEMI LONGSHOT de um bungalow typico de recem-casados focalizando a porta de entrada por onde sahe o marido acompanhado pela esposa que traz uma carta na mão. CUT.

15 — SHORTSHOT de marido e da esposa que, depois de ser beijada muito friamente pelo marido, lhe faz uma recommendação ao mesmo tempo que lhe entrega a carta. CUT.

16 — Não te esqueças de pôr esta carta no correio porque eu desejo que a Mary venha passar o fim da semana comnosco."

17 — MEDIUMSHOT do marido e da esposa; elle toma da carta e demonstrando pressa atravessa a calçada correndo para tomar o omnibus que vae passando nesse momento. CUT.

18 — SEMI MEDIUMSHOT do marido que entra para o omnibus e que, no acto de subir a escada, procura despreoccupadamente collocar a carta no bolso externo do paletot. CUT.

19 — SEMI SHORTSHOT do bolso externo do paletot notando-se que a carta, ao ser posta nelle, escorrega por fóra e cae na rua. CUT.

20 — SEMI SHORTSHOT da carta perdida, junto á sargeta da rua Fade "ont".

Por esse fragmento de scenario, por essa sequencia como se diz, porque é uma e indivisivel em si, póde-se vêr que, si toda a historia contada fosse tomada através de um unico angulo, como no theatro, o publico se cansaria, e desappareceria então essa força registradora da attenção que se chama a technica do Cinema."

Muito bem, Mr. Gale! E' por isso que é muito mais facil a gente se cansar no theatro do que no Cinema. No Cinema a constante variação dos angulos de camara está sempre a chamar para a téla a attenção do espectador.

"O amador achará, ao procurar escrever o scenario, uma tendencia para explicar os factos por meio de titulos. E preciso que a maxima attenção seja prestada, e que se verifique primeiro si o titulo inserido não é desnecessario. Os titulos são como o sal ao ser lançado na panella: "em pequena quantidade não imprimem o sabor desejado, em demasiada quantidade, estragam tudo."

Que comparação de mestre, Mr. Gale! Vamos adiante.

"A expressão CUT não determina absolutamente a extensão da scena. A acção deve ser retardada ou apressada conforme o criterio artistico do director. Mas nunca deverá o amador incluir em todo o seu scenario mais caracteres do que o estrictamente necessario. E' preciso que elle não se esqueça de que não está trabalhando com empregados, mas sim com amigos com quem nem sempre se poderá contar. Na apresentação desses caracteres, é preciso que se dê bastante tempo para a delineação dos seus habitos e costumes. Si o scenario é bem feito, em tres ou quatro detalhes se póde delinear o caracter de um personagem. Como toda historia scenarisada tem que começar pela apresentação dos personagens, e como a delineação dos seus respectivos caracteres deve ser feita por intermedio de detalhes, convém ainda sempre começar a historia por incidentes, pequenos detalhes que conduzam á apresentação de um ou mais personagens do scenario."

"Camaradagem", o film de Karl Dane e George K. Arthur que nós aqui vimos faz pouco, Mr. Gale, é o melhor exemplo disso que o amigo acaba de explicar aos "fans".

"Uma vez escripto o scenario, a questão passa a pertencer ao director e ao cameraman. Não procure ser os dois ao mesmo tempo. Começada a producção, o director é a força suprema. O amador que trabalha como cameraman deve se dedicar sómente ao seu apparelho. O scenario fica com o director, que o lê para todo o elenco. Antes do scenario, convém primeiro lêr a synopse. Quanto menos interiores houver no scenario, tanto melhor. Antes de se fabricarem lampadas, devem-se construir os rebatadores. Cada scena deve ser bem ensaiada varias vezes. A movimentação dos actores deve ser calma e lenta. Mais lenta do que na vida real."

Um momento, Mr. Gale! Esse ponto precisa de ser frisado. Quem sabe si muitos amadores não terão estragado dezenas e dezenas de metros de pellicula por girarem a manivella muito de vagar e por se movimentarem deante da objectiva muito depressa?

"Ao grito de CUT todo o trabalho deve ser cortado immediatamente. O campo da camara deve ser bem definido no visor e indicado previamente aos actores. No Cinema de Amadores, muitas vezes as coisas correm ao inverso do que no Cinema Profissional. Por exemplo, o elenco deve sempre vir, no Cinema de Amadores, antes da historia. Como não se póde arranjar um actor para uma certa parte, para um certo papel, é preciso arranjar esse papel para o actor determinado. Em vez de ser o scenario que escolhe os typos, são os typos que determinam o scenario. E quanto ao que se refere ao make-up, é certo que elle augmenta muito o valor do scenario. Mas não esqueça o amador que neste terreno todo o cuidado é pouco."

Muito bem, Mr. Gale! O amigo está affirmando uma coisa que já tinha sido descoberta por uma estrella do meu paiz...

"Os costumes e os "props" dependem da historia, mas é preferivel que sejam sempre o mais simples possivel. Quanto á edição final do film, isso será um brinquedo desde que o scenario foi fielmente seguido e desde que as scenas foram fielmente annotadas pelo numero de ordem. Si uma scena foi filmada mais de uma vez, escolha-se criteriosamente o melhor shot apanhado e depois collem-se as scenas e os titulos pelo seu numero de ordem indicado no scenario.

Afinal de contas, fazer um film poderá parecer muito difficil, mas tudo não passa de il-

(Termina no fim do numero).

O MARCHANTE

(THE BUTTER-AND-EGG MAN)

FILM DA FIRST NATIONAL

Elenco: Peter Jones, Jack Mulhall; Mary Martin, Greta Nissen; Joe Lehman, Sam Hardy; Fanny, Gertrude Astor.

O rapaz vivia com a avó, occupado dia e noite na direcção do hotel que ambos mantinham de ha muitos annos, na cidadesinha de Trenton. Parecia viver feliz, mas lá quando alguma companhia theatral visitava o logarejo e se hospedava no hotel, Peter Jones sentia-se alvoroçado e não podia reprimir o seu desejo de tornar-se, um dia, tambem um grande empresario.

Mas, isso era cousa para ser feita em New York. Nunca em Trenton, quasi uma pequena aldeia, onde o campo era pequeno para isso. E foi assim que, um dia, a bondosa avósinha hypothecou o tradicional hotel, apenas para poder dar ao neto querido doze mil dollares, com os quaes elle procuraria realisar as suas ambições em New York. Logo de chegada, o rapaz foi roubado na mala de viagem. Bom signal. Esse é o sello da cidadania da terra da estatua da Liberdade... Depois disso, cahiu no escriptorio de dois *aguias*, dois senhores emprezarios arruinados, associados no interesse de uma peça cujo miolo era muito duvidoso. Mas como estivessem justamente em busca de quem pudesse entrar com o dinheiro para a montagem do tal *Amor Flammejante*, e as respectivas carteiras estivessem vasias, aconteceu que Peter Jones não sahiu do "office" sem assignar um cheque de dez mil dollares, mas isso depois de ficar bem convencido de que não estava a fazer tolice, não só porque os socios Joe Lehman e McLuce quasi representaram a peça toda, ali mesmo no escriptorio, como houve a intervenção da encantadora actriz Mary Martin, por quem Peter, num instante, ficou apaixonado...

PETER E MARY FICARAM ALI MESMO NUMA FELICIDADE "QUASI" PERFEITA...

Mary Martin, não obstante ter os seus vencimentos em atrazo, porque os dois emprezarios deviam a todo o mundo, decidiu empregar o melhor dos seus esforços no desempenho da peça *Amor Flammejante*, como traducção da sua afeição por Peter Jones.

No dia da estréa, apezar do máo agouro da mulher de Joe Lehman, que tinha a mania de ser "estrella" da companhia, o theatro encheu-se para a "première" da peça.

O enredo, porém, era tão tolo, tão ridiculo, que ao fim do primeiro acto a platéa estava reduzida á terça parte; ao fim do segundo, á metade, e ao fim do terceiro... a meia duzia de espectadores, apenas! Joe e Mc Lure quasi arrancavam os cabellos, desapontados. Peter Jones, entretanto, nos bastidores, embevecido com os encantos da gentilissima Mary Martin, nada percebera do que se passara, e como apenas havia visto, antes do espectaculo, o successo da bilheteria, estava delirante de alegria, enthusiasmado, e já passara uma porção de telegrammas á vóvó, scientificando-a da sua sorte.

Depois, porém, no jantar em que elle commemoraria o exito que não se realisou, os dois socios, como não precisassem mais do seu auxilio, passaram a tratal-o mal, dizendo-lhe desaforos, e insultando, até, Mary Martin. A essa altura, Peter não se conteve e respondeu aos dois homens. Para que elles sahissem do cam-

(Term. no fim do numero)

PAULINE FREDERICK ODEIA O CINEMA...

Depois de dez annos de amizade intima com ellas, de observação pessoal e de interviews, cheguei á conclusão de que todas estrellas de cinema são absolutamente eguaes, affirma uma jornalista americana. O processo que preside a evolução de uma creatura humana ordinaria em uma celebridade da tela, parece de certo modo impimir no espirito das mais famosas uma certa ausencia de relevo, uma irrealidade, tal como nos causam effeitos os personagens cinematographicos que vemos mover-se na tela.

São creaturas sem corpo. Dir se-ia que a experiencia, a vida não permittiram que ellas adquirissem formas. Todas ellas usam da mesma linguagem, pen sam da mesma maneira. As entrevistas que concedem aos jornalistas são a repetição umas das outras. Ha nellas sempre as mesmas idéas. As suas proprias respostas ao reporter que as indaga, variam apenas em pequenas fracções.

Hontem eu recebi um choque. Almocei com Pauline Frederick, a quem nunca vira até então pessoalmente; pouco nada conhecia a seu respeito. Pelo seu trabalho na téla, verifiquei que ella era uma excellente actriz. Depois de testemunhar o seu trabalho numa peça de theatro intitulada "THE SCARLET WOMAN", comprehendi que a sua capacidade no Cinema consistia simplesmente n'isso: ella fôra sempre uma esplendida actriz de palco, desde muito antes de abraçar a carreira cinematographica, e ella havia levado comsigo esse talento, exactamente tal como era, para a tela.

PAULINE E' DAS TAES QUE PENSAM QUE O CINEMA SE RESUME NA FORMIDAVEL EXPRESSÃO PHYSIONOMICA DO ARTISTA...

A maior parte dos artistas que são passado do palco para a téla, deixam para traz bôa parte da sua technica theatral, sob a impressão — falsa, aliás — de que isso era necessario.

A unica coisa que faltava a Pauline Frederick para nos dar a impressão de estarmos vendo uma talentosa actriz dramatica era o som da sua voz rica e admiravel. Estaria ella adeante do seu tempo?

Mas voltando ao choque: as suas primeiras palavras mostraram-me que eu tinha ali deante de mim a grande excepção á monotona uniformidade das estrellas.

"Eu odeio o Cinema: declara ella com calor. Eu sabia que ella falava o que sentia.

"Ha oito annos que venho fazendo films — e quasi todos horriveis. A principio, quando entrei para o Cinema, pareceu-se haver descoberto um meio que me permittiria desenvolver as minhas aptidões na arte de representar. Eu desejava experiencia, gostei sempre do meu trabalho. Fiz varios films bons. Si você se lembra, pode attestar que nos meus primeiros films, obtive consideravel successo.

"Depois d'isso, porém, comprehendi que o que se desejava não era a minha capacidade artistica, e sim, apenas o meu nome. E durante oito annos tenho descansado no nome de Pauline Frederick. As historias, os enredos dos meus films eram horriveis. Davam-me toda a sorte de enredos, sem cogitar si eram bons ou máos, por terem a certeza de que o meu nome suppriria a defficiencia." Fez um momento de pausa e fitou-me como se hesitasse proseguir. Afinal disse tranquillamente:

"Quasi me deram pancada. Eu chegára ao ponto de abandonar tudo. Tinha a impressão de haver cessado de existir, de que era um simples automato que só era usado pelo valor da sua reputação, e o melhor era deixar tudo aquillo.

"Eu tinha varias pessoas na minha dependencia, continuou ella, na sua voz modelada, e achei que não me era licito abandonar o meu trabalho. Os meus nervos estavam em petição de miseria e a ponto de me levarem a uma casa de saude. Tomei, então, a resolução de tornar ao palco, para ver si restava alguma coisa da verdadeira Pauline Frederick, e si eu ainda seria capaz de representar, após tantos annos de desperdicio. Voltei ao theatro ha dois annos, e foi a minha salvação."

Essa era a surpreza numero um. Polly, como é geralmente conhecida pelos seus amigos, era a primeira creatura que embora ganhando a vida no Cinema, eu ouvia manifestar o seu desagrado pelo film.

Ali estava uma mulher que honesta e dessassombradamente exprimia os seus sentimentos a respeito do seu trabalho. Ella conhecea sua capacidade artistica. Os seus successos no palco longo tempo antes do seu ingresso na téla lhe haviam provado isso. Na Inglaterra, Australia e nos Estados Unidos, o seu nome era acclamado pelo publico dos theatros. Não ha quem ignore o furor que ella despertou com a sua famosa interpretação no papel de "Madame X". Recentemente ella reviveu esse papel em Londres, num contracto de curto prazo. Foi um successo a reapparição.

Na tourneé que fez com essa peça ás provincias, Pauline era acompanhada pela multidão por toda parte. Era obrigada, para evitar os incommodos da popularidade, a occultar-se na primeira porta e a negociar na esquina proxima. As populações estacionavam horas deante do hotel em que ella se hospedava, para ter a honra de vel-a e esperavam pacientemente que ella se mostrasse á janella. Essa popularidade na Europa foi a maior surpreza da sua vida.

Surpreza numero dois. Pauline Frederick é uma creatura realmente intelligente. Ora, eu não creio que haja alguem neste mundo que jamais houvesse concedido intelligencia de verdade ao commum das estrellas de Cinema. Por intelligencia eu quero significar agudeza de julgamento, sabedoria, uma visão da vida capaz de crear a tolerancia, a comprehensão a apreciação dos valores, e, acima de tudo, o senso do humôr.

"Qual a sua opinião sobre o Cinema Falado? "perguntei-lhe.

Pauline fez um gesto familiar a todos os garotos de rua para traduzir desagrado, quando o seu orgão olfactivo encontra um cheiro que não lhe agrada. Fiquei sciente.

"Mas eu acreditava que o seu interesse foi extraordinario, insisti. Para mim uma pessoa com a aptidão artistica, deveria mostrar-se enthusiasmada com a opportunidade de poder realmente patenteal-a, de usar a sua voz que, afinal de contas, é o mais valioso meio de expressão de que é senhora."

"Isso é verdade, replicou ella. Mas julgar pelo som fanhoso, uivante e chiado que até agora tenho ouvido como resultado de se fazerem os artistas falar através de machinas, a coisa um parece medonha, horrivel. A voz ou será metallica ou não irá bem; além do que é preciso falar alto, quasi aguda. Ora, sabe que a minha voz é baixa e profunda. E' apropriada á tragedia, mas a tragedia do palco, e não para o vitaphone. Ser-me-á preciso aprender declamação de novo, ou terão de desenvolver as machinas falantes quando eu voltar a trabalhar no Cinema, de forma que isso não seja preciso. Como está actualmente, eu seria um desastre, estou certa. Com o que ha até agora, os films vocaes requerem uma maneira inteiramente nova de falar. Não penso que seja bôa essa maneira, muito ao contrario. Mas quem poderá dizer? Tenho ouvido dizer que os trabalhos de laboratorio estão adiantados dois annos d'aquillo que se ouve presentemente nos cinemas. Será uma grande invenção... si der resultado."

Evidentemente, as potestades do mundo cinematographico sentem que hão realizados progressos no caminho d'essa innovação, pois

(Termina no fim do numero)

LON CHANEY NO PAPEL DE TITO...

Ridi, pagliacci!

(LAUGH, CLOWN, LAUGH)

Producção "Metro-Goldwyn-Mayer", com a seguinte distribuição:

Tito, Lon Chaney; Simonetta, Loretta Young; Luigi, Nils Asther; Lucretia, Gwen Lee; Simon, Bernard Siegel; Giacinta, Cissy Fitzgerald.

Com os primeiros fulgores da primavera, na romantica e seductora Italia, vem a grande alegria dos camponezes — o circo ambulante.

E' de ver-se a alegria que anima o semblante dos trabalhadores do campo, á chegada do barulhento carro do circo nomade, com o classico palhaço annunciando o espectaculo da noite e o bombo a reboar, assanhando o enthusiasmo de todos aquelles espiritos ingenuos e simples.

Foi assim que, uma vez, ha muitos annos, Tito chegou a uma localidade italiana, sua patria. Logo ao chegar, sentiu que alguma cousa fóra do commum lhe aconteceria naquella terra; e á hora de recolher-se para descansar dos ensaios daquelle dia, quando com o companheiro Simon procedia á arrumação do seu material, sentiu vagidos de creança, proximo de onde estava. Minutos depois, encontráva deitado ná relva, esperneando, um corpinho de linda creança. Provavelmente, era o fructo de algum amor prohibido, abandonado pela mãe em desespero.

O dia fôra feliz para Tito, não havia duvida. Apezar da opinião de Simon em contrario, elle se tornara pae naquelle dia. Simonetta — fôra assim que elle baptisara a creança, para demover Simon do seu proposito de não querer continuar em sua companhia por causa da creança—viveria para sempre junto delle.

Assim se passam muitos annos. Simonetta, Simon e Tito.. Mas um dia a trindade fica reduzida a um duetto, apenas. E' que Simon se vae embora, porque ainda agora, decorridos quatorze annos, elle vê com má vontade a presença de Simonetta na vida delle e Tito. Penalisado, Tito vê Simon retirar-se. Companheiro de tantos annos Mas resta-lhe o consolo do carinho de Simonetta. Mas um drama estava dstinado para a vida do bondoso "clown". Ao ficar só com Simonetta, quando esta o consolava dos seus pezares, Tito vê, com o coração oppresso, o que elle sempre quizera evitar: que Simonetta já era uma mulher, uma joven em pleno viço da sua frescura esplendente de belleza e fascinação.

Simonetta já era uma mulher... e elle quando o verificou, sentiu, no lampejo de um minuto máu, perverso, obrigado por uma força satanica animada no seu interior, que amava Simonetta, com um amor que a elle proprio causava lagrimas de vergonha!

Por isso, a existencia para Tito, passou a ser de tristezas, apenas. Tinha um novo nome, agora: Flick, e era a alegria de toda Roma. Que successo, as suas noites nos grandes circos! Mas de animo cada vez mais abatido, Tito sentia apoderar-se de todo o seu ser uma inconfessavel paixão que o torturava a todo o momento. No gabinete de um grande medico, um dia, que elle procurou para buscar consolo para o seu mal, conheceu um joven, um espirito que soffria de um mal totalmente diverso do seu: emquanto elle, Tito, não podia reprimir as lagrimas que o seu soffrimento causava, aquelle rapaz, o conde Luigi Ravelli, soffria de continuos ataques de riso, productos da vida ociosa, de excessivos prazeres.

Ambos soffriam immenso. Ambos, por isso, sentiram-se attrahidos, por uma sympathia que os tornou amigos num momento. Pouco depois apparece Simonetta, e a moça e Luigi recordaram, então, que já se conheciam, de um breve idyllio, havia muitos annos.

Feitos amigos, Simonetta, Tito e Luigi sentiam-se felizes com aquella amizade inesperada. Tito, entretanto, não podia esquecer a sua paixão occulta, emquanto Luigi sentia dia a dia augmentar o seu amor por Simonetta, que era correspondido. Buscando novamente a companhia de Simon, Tito pensava, agora, poder esquecer o máo desejo que lampejára no seu intimo, mas assim, mesmo, entre o reboar dos applau-

sos que ambos recebiam das platéas delirantes pela arte dos dois "clowns", Tito sentia o aguilhão daquelle amor inconfessavel.

Um dia, vendo que por um simples motivo Simonetta repellira Luigi, Tito não se contém e confessa o seu amor á moça. A surpreza desta não tem limites, mas afinal considera, na candidez esperançosa e illuminada do seu pae adoptivo, o desgosto que seria uma sua repulsa, e por isso, embora confrangendo o proprio coração, consente em ser sua esposa.

Tito delira. Mostra-se jovial como nunca, no palco. E' feliz. Mas a felicidade de um palhaço quasi nunca vive senão nos momentos da inconsciencia burlesca do palco e do tablado. Ao voltar, uma noite, de scena, depois do seu sensacional numero "A travessia da morte", Tito surprehende Luigi e Simonetta em doce enlevo. Simonetta não resistira á affeição, ao amor que sentia por Luigi.

Amava-o. Como poderia ella ser de Tito, se o seu coração de mulher pertencia a Luigi?

SIMONETTA REPELLIU TITO...

Só um sacrificio, uma renuncia á felicidade...

E pela felicidade de Tito ella resolveu sacrificar-se. Mas Tito tudo presentiu, tudo conheceu, no semblante amargurado e infeliz de Simonetta. Não. Que Simonetta e Luigi fossem felizes. Elle voltaria, com todos os seus pensamentos, toda a sua alma, todo o seu coração — para a sua arte tão admirada. Ensaiaria, aquella noite, de um modo excepcional, a "Travessia da Morte", que não fazia ha muito. Eil-o com Simon no palco, só, para a experiencia. Manda que illuminem toda a sala de espectaculos. Nos seus olhos lampeja um olhar sinistro, denunciando a tragedia do seu intimo. Eil-o que sóbe as escadas que o conduzem, perturbado e incerto. Meio minuto depois, começa a descida perigosissima. Seu cerebro não resiste ao turbilhão; o choque de

(*Termina no fim do numero*)

ELLA
E'
A
CLARA
BOW
LOURA...
QUAL SERA'
O GENTLEMAN
QUE A
RESIS-
TIRA'?

"GAROTAS
MODERNAS"
E
"DON
PIRATÃO"
JA' RE-
VELARAM
BEM
QUEM
E'
A
ANITA...

ANITA PAGE

O Presidente Hoover e o Cinema

A CENSURA DA CENSURA

Wilbur Morse, autor deste artigo, é um grande nome na imprensa americana e fez parte da comitiva de jornalistas que acompanhou o Presidente Hoover na sua excursão por estes pagos sul-americanos.

E Wilbur Morse, depois de conhecer o Brasil ha de ter pensado no dia em que tivermos Cinema e homens com a opinião do Presidente Hoover sobre as formidaveis e indiscriptivel vantagens deste apparelho de diffusão para um paiz, um paiz como o nosso... Forte, unico, admiravel...

Os reformistas de sobrecasaca que procuram metter as suas mãozinhas nas leis da nação que regulam a exploração da industria cinematographica, não encontrarão nenhum apoio por parte do Sr. Herbert Hoover, o novo presidente dos Estados Unidos.

O actual presidente da Casa Branca é um grande amigo da industria do film, e procurará antes auxiliar do que cercear a sua expansão.

Essa é a verdade que ficou claramente formulada pelo estadista, ao falar a um jornalista da "Motion Picture Magazine, por occasião da sua passagem em Los Angeles, capital da Cinelandia, em demanda do navio que devia conduzil-o na sua tournée de amizade ás republicas sul-americanas.

E a crença do Sr. Hoover no valor do Cinema, como um embaixador diplomatico e commercial, refortaleceu-se durante essa viagem. Elle verificou que os films americanos estão contribuindo para a venda do chapéo, do calçado, dos radios e automoveis americanos tanto aos paizes do hemispherio sul da America, quanto aos do resto do mundo. Verificou tambem que o Cinema vae diffundido no estrangeiro os signaes e o espirito de uma civilização que é a dos Estados Unidos.

Mas o que o Sr. Hoover sobretudo constatou é que o Cinema de todos os paizes opera immensuravelmente no sentido de crear um melhor entendimento entre todos os povos da terra, fazendo que cada paiz tenha um conhecimento mais intimo da vida, do amor e da alegria dos outros.

Herbert Hoover era um espirito firmemente convencido do valor do Cinema como grande factor da cordialidade internacional, quando, como ministro do Commercio, creau a secção cinematographica do Bureau do Commercio Externo e Interno. Essa sua fé na industria do film americano tornou-se ainda mais solida com a sua viagem á America do Sul, e será sem duvida conservada na sua mesa de trabalho da Casa Branca, pela qual poderá passar qualquer dia algum projecto de lei, tendente a restringir a liberdade da industria cinematographica.

Ha boas razões para se suppor que varias das medidas restrictivas referentes ao Cinema e ao theatro, derrotados ou postos de lado na ultima sessão do Congresso, sejam resuscitadas e apresentadas ao novo governo pelos seus impenitentes advogados. Entre estas figuravam projectos que propunham a creação de uma censura cinematographica federal, e para o effeito de se fecharem todos os Cinemas no districto de Columbia aos domingos; e tambem o projecto de lei Brookhart, visando uma pretendida regulamentação de toda a industria do film pelo governo.

O Sr. Hoover tem sido repetidamente apontado como contrario á intervenção do governo na vida da industria.

Uma censura cinematographica federal que tratasse os negocios do Cinema com estreiteza e ferrenhice, não encontraria as sympathias do Sr. Hoover; e, apezar da sua educação Quaker, tem-se a impressão de que elle não concorrerá para o fechamento aos domingos em Washington, o que serviria de pretexto aos elementos reformistas para pleitear semelhante pratica em todo o paiz.

Quando taes medidas forem submettidas á sua apreciação, o Sr. Hoover saberá, sem duvida, consideral-as mais com as vistas de um leader de negocios do que como politico. E para se apprehender claramente os sentimentos de sympathia do Sr. Hoover para com a industria cinematographica, o melhor é voltarmos um momento a nossa attenção para a sua acção no Ministerio do Commercio, no qual durante oito annos elle sempre se mostrou um forte apoio de toda industria progressiva.

A secção cinematographica do Ministerio do Commercio, desenvolvida sob a direcção do Sr. Hoover, tornára-se virtualmente uma "clearing house" de estatisticas e fiscalisação do que o Cinema se estava tornando como factor vital no commercio internacional.

Addidos commerciaes americanos em varias partes do mundo receberam instrucções para proceder a estudos quanto á influencia do cinema nas relações dos negocios e para colher informes

sobre as opiniões nos centros em que elles estacionavam.

As informações que eram todas centralizadas no gabinete do Sr. Hoover mostravam que com a diffusão dos films americanos no estrangeiro, o commercio americano em moveis, objectos de uso e outros productos ia augmentando gradualmente.

O contacto visual com os nossos productos, que o Cinema tornára possivel, havia estimulado a compra do estrangeiro. Esse factor era sobretudo evidente com relação á America do Sul e a Asia.

O Sr. Hoover era então, como agora, um crente arraigado da theoria de que o Cinema, entregue a si mesmo, saberia responder com os seus proprios recursos as objecções que de varios pontos surgiam contra elle.

Havia sido apresentado um projecto, igual a tantos outros, á Camara dos Representantes, propondo a creação da censura federal para o cinema, e o presidente Coolidge foi solicitado a manifestar-se sobre a conveniencia e praticabilidade da medida. Baseando-se no parecer do seu Secretario do Commercio, melhor do que ninguem em condições de julgar do valor da lei proposta, o presidente Coolidge oppoz-se redondamente á approvação do projecto, e, rendendo uma homenagem particular á propria organização dos productores cinematographicos, que sabiam manter a sua industria em bases sãs, declarou a sua confiança no Cinema, como emissario da cordialidade e bom entendimento no estrangeiro.

Pouco depois disso, os agentes de publicidade da cinematographia offereciam um banquete em honra do Sr. Hoover, ao qual compareceram varios embaixadores e ministros dos paizes latino-americanos.

O projecto da censura cinematographica constituia um objecto de interesse tanto nas embaixadas em Washington, como nos meios cinematographicos, e o Sr. Hoover reiterou a opinião contraria do presidente Coolidge, declarando:

"Si nós tivessemos um censor de espirito tão elevado e inspirado, que fosse capaz de nos mostrar aquillo que da America do Sul poderia representar o bello progresso e as grandes aspirações daquelles paizes, e que pudesse egualmente eliminar dos nossos films tudo quanto constitue a nossa propria humilhação, o cinema se tornaria o maior dos vehiculos de amizade jamais engendrados pelo homem.

"Mas essa industria deve ser a sua propria censora. A minha confiança a esse respeito vae se fazendo cada vez maior.

"E a prova é que actualmente o mais baixo nivel de moral e de inspiração nos films é mais elevado do que o que observa correntemente o theatro.

"Eu tenho confiança na boa fé desta grande corporação de homens que domina a industria nos Estados Unidos para realizar este sagrado dever: isto é, que cada film da vida sul-americana mostrado ao nosso povo e cada film da vida norte-americana apresentado aos povos da sul-america, encerrem tambem os ideaes que contribuem para esse respeito e confiança que constituem a verdadeira garantia da paz e do progresso".

Tal era a attitude do Sr. Hoover com relação ao Cinema, quando occupava o posto de Ministro do Commercio. Como presidente, a sua sympathia continuará a inspiral-o em favor da industria.

Ha nos sentimentos amistosos do Sr. Hoover para com a cinematographia mais um elemento pessoal do

(*Termina no fim do numero*)

CLARA BOW E' UMA DAS FAVORITAS DE HOOVER...

SUE CAROL E NICK STUART

ACABAM CASANDO, MAS... HAVERA' DIVORCIO?

ELLES ESTÃO AMANDO...

Pergunta-me outra...

AITARE' (Santarem) — 1º Já não me lembro. Só folheando collecções e não ha tempo... 2º Sim e lamento immenso. 3º Por nada. E' que são muitos! 4º Não, nada li sobre isso.

M. OLGA DE SA' (Victoria) — Bem interessante a sua cartinha e mostrei a todos os da Phebo que aqui estiveram em visita. Infelizmente, um tanto longa para ser publicada.

RAMON (Pouso Alegre) — Não conheço artista com este nome. Se se refere a Gilda Gray, não tenho no momento.

ETERNA ILLUSAO (Rio) — 1º Breve. 2º Aos cuidados desta redacção. 3º Devido a avalanche de pedidos. 4º Breve. 5º Idem.

A. P. A. (Rio) — Interessante a sua carta. Mostrei-a ao pessoal da Phebo.

UMA SLAVA (Rio)) — Agora ella está na Europa. Não tenho. O mais certo.

GLENN HAYNES (B. Horizonte) — 1º Não. 2º Não. Betty Compson é casada com James Cruze. 3º Ingleza. 4º Impossivel! 5º Não tenho.

C. OLIVEIRA (B. Horizonte) — Depois de muita pesquiza, nada encontrei de nenhum deles, infelizmente.

OPERADOR

JOAN, DIZEM JA' SE CASOU COM O DONGLASZINHO...

UMA SCENA AMOROSA COM LINA BASQUETTE.

PAE THOMAZ (Carasinho, R. G. do Sul) — Paramount Studio, Marathon Street, Hollywood, California.

LINDO (Porto Alegre) — Obrigado pelos informe. Ainda não. Experimente escreva alguma cousa.

MARISA ESTEVES (P. Alegre) — Obrigado pelos informes. Nada sei do Olympio. Sei apenas que fez um film-test em 2 partes.

LISEI (Recife) — Gostei immenso. Muito bem. Continue.

E. DE NOVORRO (Rio)—Obrigado. Não me consta que Olympio figure no film a que se refere.

JOLITA BRANCA (Mar do Sul) — Tambem disse por pilheria. Que era preciso ouvir primeiro o coração...

ANA (S. Paulo) — Obrigado. E gostei dos beijos...

COLOMBINA (Rio) — Já vi ha muito tempo e não me lembro mais, assim pela ordem. Mas já tenho dado muitos informes.

PROSPERO BRASIL — Infelizmente, muito longa a sua carta para ser publicada. Mas fiquei sciente e sei bem o que são essas cousas.

SAIN-ROMAN (P. União) — Não está propriamente no genero de "Cinearte".

MYSTE'RE — Pode ses por carta ou eu posso ir até alli, ora essa...

ZEZITE (Recife) — Mas ha a secção de amadores que interessa mais. E' que assim, os argumentos já vem com o sentimento feminino para o director.

JULIO PRATES (S. Paulo) — Envie o seu retrato.

O que se exhibe no Rio

ODEON

SUA ULTIMA NOITE — Ufa — Producção de 1928 (Prog. Serrador).

A não ser um scenario com pouca visualisação, muitos letreiros e varias scenas simultaneas que estabelecem confusão, esta comedia dramatica da Ufa, pelo luxo de suas montagens, pela caracterização e pelo trabalho de Werner Krauss, pela seducção e graça que envolvem a atmosphera theatral em que se desenrola grande parte de suas scenas, pela formosura estonteante da fascinante Marcella Albani e pela direcção leve de Felix Basch, póde figurar em qualquer programma.

Marcella é uma linda mulher. Precisa apenas aperfeiçoar a sua maquillagem e exigir que os operadores lhe escolham os melhores angulos. E' uma artista graduada ha muito. Werner Krauss tem o melhor trabalho. Alfons Fryland, Charles Vanel e a encantadora Sandra Milowanoff constituem o resto do elenco.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

ELLES E ELLAS — (A Single Man) — M. G. M. — Producção de 1929 (Prog. M. G. M.)

Para dirigir themas modernos, da vida de hoje, do momento que passa, sobre a mocidade dos dias que correm, esta mocidade vibrante, cheia de vida, com o sangue a pulsar violentamente nas veias, sempre prompta para divertir-se, para praticar todos os sports, flirtar escandalosamente, gosar, gosar desenfreadamente, gosar sem medida, gosar sem medir consequencias não ha como Harry Beaumont. Elle já o tem provado varias vezes. Recordem entre outras provas "Sandy" e Pequenas Modernas"...

Este film de Lew Cody não tem o sabor tragico de "Sandy", nem aspira á gloria de estudo psychologico de "Pequenas Modernas". O seu assumpto é leve. Trata apenas da caça que uma melindrosa move a um millionario, já de certa idade. E' uma historia suave de malicia e ao mesmo tempo cheia de movimento, de movimento de gente moça. Contem uma ligeira critica, tres esplendidas caracterizações, embora tratadas muito ao de leve farras do outro mundo, farras como nem "Pequenas Modernas" tinha, beijos em fartura, uma linda sequencia de piscina e varios motivos comicos.

E' comédia. Saltitante. Esfusiante de graça. Tem malicia. E' picante. Focalisa as desventuras de um "antigo" com a mocidade de hoje. Em todas as sequencias ha o sello encantador da juventude. Ha o sopro de Harry Beaumont.

Marceline Day dá magnifica expressão á melindrosa que vive. E' magnifico o seu desempenho. Lee Cody, um pouco abobalhado no principio, melhora sensivelmente depois. Aileen Pringle tem um pequenino papel. Mas é a vencedora no pareo que corre com Marceline pelo coração do heroe. Kathlyn Williams faz mais uma mãe zelosa pelo futuro da filha. Aileen Manning, Edward Nugent e Robert Bolder tomam parte. Ruth Holly, aquella pequena que se despiu em varias photographias, faz uma criada. Mas ella representa vestida direitinha...

Cotação: 6 pontos. — P. V.

IMPERIO

AVALANCHE — (Avalanche) — Paramount (Producção de 1929).

Ha já bastante tempo que os romances de Zane Grey, mais a figura de Jack Holt e o trabalho de directores como John Waters e outros vinham dando a Paramount uma serie numerosa de esplendidos "westerns". Entretanto, desta vez a combinação falhou. E' verdade que houve a intervenção de um elemento estranho — Otto Brower, o director. O assumpto, caracteristicamente á maneira de Zane Grey, é dos mais interessantes. E' espesso. Contem um "climax" sensacional e ao mesmo tempo sentimental. O elemento amoroso é de primeira qualidade e o "heart interest" fornecido por Jack Holt e Olga Baclanova provoca sym-

POLA EM "CORAÇÃO DE SLAVA" TEM UM DOS MELHORES PAPEIS DE SUA CARREIRA...

pathia sincera. Mas Otto Brower poz a perder todas estas qualidades com a sua direcção vulgarissima. Elle é o unico culpado pelo insuccesso do film. John Darrow e Doris Hill têm umas bonitas scenas. Baclanova está feia e deslocada.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

GLORIA

NA LENDARIA TERRA DE MONTEZUMA — (Auf den Spuren der Azteken) — Ufa — Producção de 1929 (Prog. Urania).

Film natural sobre o Mexico. No principio apresenta uns bonitos apanhados de machina. No decorrer das scenas seguintes existem tambem uns "shots" lindos. Uma cousa, entretanto, resalta de todo o film — o proposito preconcebido de amesquinhar o Mexico e os seus filhos. Proposito que culmina com subtitulos desaforados e scenas barbaras de touradas no final. Francamente, os films "yankees, que mais mal fizeram ao Mexico, desapparecem, por innocentes, diante deste. Elle vale por todo o mal que o Cinema americano já fez ao paiz visinho em centenas de films. Só procura mostrar aspectos e scenas deprimentes da cultura e da civilização mexicanas. Seria conveniente que o embaixador do Mexico o fosse ver.

PATHE' - PALACIO

DEPOIS DA TEMPESTADE — (After the Storm) — Columbia — Producção de 1928 — (Prog. Matarazzo).

George B. Seitz pretendeu com este film bater o successo de "O Navio Sangrento". Mas falhou. "O Navio Sangrento" não foi um successo artistico — foi apenas um vencedor da bilheteria pela magnifica combinação de elementos de agrado que continha. Este seu irmão mais moço tambem contem elementos populares, mas sem a mesma intelligente combinação. E a direcção desta vez tambem falhou muito, principalmente no que diz respeito a ambiencia, que aqui exigia cuidados especiaes e ao vigor das scenas de bordo do navio. A tempestade do "climax" é bôa. Emociona pela situação em que colloca os heróes. Hobart Bosworth faz mais um capitão de navio que tem um passado e a alma mais revoltados que a superficie encrespada do Oceano, numa noite de borrasca... Eugenia Gilbert e Charles Delaney formam o par amoroso. Ella é bonita. Elle é o typo do camarada que não póde ser galã. Maude George apparece pouco. E George Kuwa faz a gente rir bastante.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

CHARUTEIRO MILLIONARIO — (Pleasure Before Business) — F. B. O. — Producção de 1927 (Prog. Matarazzo).

Quizeram aproveitar a popularidade de Max Davidson, adquirida nas comédias de dois rolos, e metteram-no "nisto". E' uma comédia fraquissima. As vezes até a gente duvida de que seja realmente uma comédia. Mas é mesmo. Lá estão Max e todos os judeus disponiveis que puderam encontrar. E, vocês já sabem, os judeus só apparecem para serem criticados. E aqui o são de todas as maneiras. Não digo que vocês nem cheguem a esboçar um sorriso, mas... Virginia Brown Fair e Pat O' Malley fazem um casalzinho amoroso. Ella é um caso serio. Os nossos judeus é que vão ficar indignados. Ou então mais economicos...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

CAPITOLIO

CORAÇÃO DE SLAVA — (The Woman From Moscou) — Paramount — Producção de 1928.

O ultimo film de Pola Negri em Hollywood. Um dos melhores papeis de toda a sua accidentada carreira nos Estados Unidos.

E' um bom film. Luxuoso, com modernissima technica de machina, dirigido com belleza e medida por Ludwig Berger e de uma producção magnificente, grandiosa. O assumpto é o conhecido e velho thema da "Fédora", de Victorien Sardou, com innumeras modificações, eliminações e enxertos. Não obstante, prevalecem as mesmas situações forçadas do velho drama, a mesma intriga de feitura artificial, que a gente vê que foi urdida para causar taes e taes effeitos e provocar taes e taes situações desde o inicio. E' uma historia pesada de convenções, para resumir, convenções que tão má impressão causam aos amantes das emoções fortes e genuinamente humanas. Entretanto, o scenario de John Farrow é magnifico. E moderno, contem esplendidas sequencias, cheias de acção forte, vigorosa, magnificamente ligadas umas ás outras. Estuda com sobriedade os caracteres principaes, eleva o drama e a tragedia á mais alta tensão e offerece uma situação climatica maravilhosamente encaixada, justamente no fim, um "climax" que termina com o film, nem mais nem menos.

A direcção de Ludwig Berger é notavel. Deu elegancia extraordinaria a todas as figuras, cuidou detalhadamente da ambiencia, imprimiu uma linha sem par a todas as sequencias, exigiu optimo desempenho de todo o elenco e evitou o sentimentalismo barato e os exaggeros do thema. O seu trabalho distingue-se pela sobriedade e pelo vigor. Os seus angulos

são bons. E as suas movimentações de machina, umas são intelligentes, outras inuteis. Em todo caso servem para revelar a sua concepção de Cinema e a formidavel avalanche de recursos dos studios da Paramount.

Pola negri no papel principal tem um dos Pola Negri no papel principal tem um dos pretação sincera e real a sua. E como está linda! Os vestidos que traz é que estão em desaccordo com, vestidos das outras mulheres do film... Norman Kerry desta vez não se limita a dar a impressão de ser apenas um homem forte. O seu desempenho tambem traz a marca da sinceridade. Otto Matieson e Lawrence Grant, em pequenos papeis, dão dois esplendidos trabalhos. Os outros são Paul Lukas, Maude George, Bodil Rosing, Mina Rayo, Martha Franklin e Jack Luden.

A impressão total, do film é a melhor possivel. E' dramalhão com tratamento moderno. Apresenta sequencias bellissimas. A da reunião social, por exemplo, com todos os seus detalhes de fina ironia e cuidadosa observação. Aquella outra, em que Pola julga que Norman não é quem ella procura. Sequencia notavel como interpretação de Pola e direcção de Ludwig. O "climax". E varios outros trechos de valor.

Não percam o ultimo film de Pola Negri nos Estados Unidos.

E a melhor "Fédora" destes ultimos annos... interessa e surprehende a quem conhece e não conhece o drama...

Cotação: 7 pontos. — P. V.

PATHE'

O NAUFRAGIO — (Shipwrecked) — P. D. C. — Producção de 1926 — (Prog. Matarazzo).

Um film estupido, destes que deixam a gente a pensar na injustiça clamorosa de que são victimas os films brasileiros. O assumpto é dos mais batidos e idiotas que conheço O scenario de Finis Fox (elle ainda não havia sonhado com "Resurreição") torna-o mais tolo. E a direcção de Joseph Henabery completa a obra criminosa. Ha uma mulher que foge a bordo de um navio de brutos. Ella é accusada de um crime que não commetteu, mas que pensa que commetteu... O final tem logar numa ilha tropical, cheia de bananeiras, entre ás quaes passeiam os heroes. As scenas de bordo são ridiculas. O copeiro do navio vive e gosa como nem o capitão o faz. O final é o typo do final para os boçaes que ainda julgam a arte cinematica através das expressões do rosto dos artistas. Joseph Schildkraut ahi trabalha prá burro. Que expressões!... Que colosso!... Que cousa horrivel!... Eu quasi sahi do Pathé. O final é a cousa mais imbecil que tenho visto ultimamente. Pobre Seena Owen! Laska Winter, Clarence, Burton e Lionel Belmore, tomam parte.

Cotação: 3 pontos. — P. V.

FUGINDO AO DESTINO (The River Woman) — Columbia. — Producção de 1928. — Prog. Matarazzo.

Um magnifico thema desenvolvido parallelamente á enchente de um rio, tres magnificos estudos de caracter, um elenco de primeira ordem optima photographia, bellissimos claro-escuros, ambiencia bem cuidada materialmente. Estupendo material para melodrama de successo, combinando elementos proprios, originaes, e mais um pouco de "Seducção do Peccado" e "The River", que Frank Borzage acaba de dirigir para a Fox. Mas assim não o quizeram Adele Buffington, cujo scenario não tem "tempo", nem rythmo, nem, tampouco, demonstra o senso da medida, que deve ter todo scenarista, e Joseph Henabery, cuja direcção é demasiadamente pretenciosa. Mas apesar disso o film merece ser visto, pois Jacqueline Logan tem nelle um bom desempenho, além de apparecer formosa como nunca a vi, e Lionel Barrymore e Charles Delaney estão perfeitamente supportaveis. Sheldon Lewis e Mary Doran apparecem.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

O ASSALTO AO EXPRESSO CORREIO (The Great Mail Roberry) — F. B. O. — Producção de 1927. — Prog. Matarazzo.

Mais assaltos de trem. A policia local é incompetente. Appellam para os fuzileiros. Lá vêm elles! Os ladrões tremem como varias verdes! O chefe apaixona-se, logo de sahida, pela heroina. Tudo entra na calma mais deliciosa. Mas o film precisa continuar. De modo que é feito um grande embarque de ouro. E os ladrões preparam o grande assalto. Mas que assalto! E' bala que nunca mais acaba! Entram em scena os aviões! Parece mais um Verdun em miniatura!' No final ha uma surpresa interessante. Theodore Von Eltz é o chefe dos fuzileiros. Elle mesmo já tem cara de fuzileiro... Jeanne Morgan é bonitinha. Mas é uma pequena que não enthusiosma. Lee Schumway tem o melhor papel e o melhor trabalho.

Podem ver. O film foi regularmente bem dirigido por George B. Seitz. Os assaltos são realmente sensacionaes e estão muito bem filmados. A criançada não deve perder.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

CORAÇOES DE OURO ou BEIJO DE DESPEDIDA (Glenister of the Mounted) — F. B. O. — Producção de 1928. — Prog. Matarazzo.

Acho que o governo inglez devia manter uma verba especialmente destinada a premiar a honrosa propaganda que o Cinema "yankee" tem feito da Real Policia Montada do Canadá... Qual! E' mesmo a mais completa corporação policial deste mundo e do outro! Os homens que a constituem são mais nobres ainda do que os membros da Legião Estrangeira... Elles prendem sempre o seu homem, custe o que custar. Mesmo a custa do dilaceramento do seu coração...

Maurice Flynn é o heróe sem macula. Elle tem que prender Lee Schumway. Mas Bess Flowers se lhe antolha no caminho. Ha um dramatico incendio de floresta. O criminoso já não é mais criminoso. O crime de que o accusam foi praticado por outro. E para cumulo da felicidade do heróe, Bess não é a esposa de Lee e sim a sua irmã, livre para o amor de qualquer bravo como elle. Viva a Real Policia Montada do Canadá!

Cotação: 4 postos. — P. V.

MARCELINE DAY EM "ELLES E ELLAS" E' UMA INTERESSANTE MELINDROSA...

IRIS

O FORAGIDO (The Bushranger) — M G. M. — Producção de 1928.

Tim Mc Coy indiscutivelmente de todos os "cowboys" da téla é o que tem tido mais sorte. A M. G. M. sempre lhe dá historias bôas, com fartura de situações emocionantes, elemento amoroso de bôa qualidade e a quantidade sufficiente de opportunidades para praticar as suas proezas. Além de bons auxiliares de elenco, heroinas bonitinhas e directores que entendem do genero que explora. Este film é mais um exemplo disso tudo. E' uma narrativa bem feita, moderna, movimentada e bem construida das aventuras de um novo Monte Christo, mas um Monte Christo mais moderno, que monta cavallo como ninguem, atira como poucos e tem uma pequena como Marian Douglas. Chet Withey dirigiu a contento. Rosemary Cooper, Russell Simpson, Arthur Lubin e outros coadjuvam o sympathico Tim Mc Coy. O film, diverte e prende até o final. Póde ser visto.

Cotação: 5 pontos. — P. V

S. JOSE'

AMBICIONANDO UM LAR (Homestruck) F. B. O. — Producção de 1928. — Prog. Matarazzo.

Mais uma corista que ambiciona ter o seu lar, ser mãe, amar, realisar o verdadeiro objectivo da mulher neste mundo. Casa-se. Abandona de vez o palco. Mas elle não presta. Chega até a roubar. Dá farras em casa. Ella volta ao theatro. E no final perdoa-o e volta a viver com elle novamente. E a gente fica a imaginar o que não fará elle agora, que já sabe o quanto ella é fraca... E' destes films que não acabam. Ou por outra, que acabam justamente no logar em que começam... Mas não chega a aborrecer. Foi regularmente dirigido por Ralph Ince. E depois o caracter vivido por Allan Brooks dá-lhe sentimento, belleza e valor. Viola Dana ainda não perdeu aquella sua notavel vivacidade. Tom Galery é o galã. Muito alto, representa como no theatro e não é photogenico. Nigel Barrie é o villão.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

OUTROS CINEMAS

ASTUCIA CONTRA A LEI (The Texas Tornado) F. B. O. — Matarazzo.

Tom Tyler é bem acceitavel e este seu film tambem. Nora Lane é a pequena e Frankie Darro tem papel de destaque.

Cotação: 5 pontos. — A. R.

CHEIA DE GRAÇA (The Night Club)— F. B. O. — Matarazzo.

Viola Dana num filmzinho fraco. Jack Dougherty é o galã. "Cheia de Graça", não tem graça e nem de graça!

Cotação. 4 pontos. — A. R.

UMA HISTORIA DE LADROES (Honor) — Sun Pictures Corp. — Matarazzo.

Film tão pequeno que faz desconfiar. Parece um episodio de um film de series, aproveitado... Tambem, trata-se de uma producção fraquissima que não merece commentarios.

Eileen Sedgwick é a estrella.

Cotação: 1 ponto. — A. R.

DE SÃO PAULO

(DE O. M., CORRESPONDENTE DE "CINEARTE")

Um jornal de hoje, domingo, noticiou que o Republica, das Reunidas, fará installar, em breves dias, pela Western Electric Company, um apparelho conjugado Vitaphone-Movietone. Para lançar os films falados ou syncronizados da Warner Bros. Columbia e Universal. (E os United Artists? Voltam para o Serrador ou continuam com as Reunidas?) Isto, sem duvida, se não ficar pregado nos gorgomilhos do reclamista, é bom. Bom, porque, neste caso, teremos tres emprezas differentes com apparelhos para films de sons. O Paramount, o Serrador e as Reunidas. E, então, poderemos "ouvir" todos os films, muito embora, na verdade, tenham os nossos olhos que chorar essa desgraça que anda avassalando o mercado productor norte-americano. Não deixa de ser uma bôa nova. Principalmente se o tal apparelho substituir, de vez, aquella orchestra (?) que ali se des... "concerta"...

ANNA KARENINA — (Love) — M. G. M. — São dois artistas que dispensam qualquer sorte de reclame. Seja a droga maior do mundo. Não importa! John Gilbert? Greta Garbo? Basta! E' ir de olhos fechados!

Mas "Anna Karenina", sem duvida, é um film bellissimo. Já não se falando na inacreditavel Greta Garbo e nem no inverosimil John Gilbert. Falando, apenas, na direcção invulgar de Edmund Goulding, na photographia intelligente, admiravel, mesmo, em certos trechos e, tambem, no elenco estupendo do film, sobresahindo, em relevo especial, Brandon Hurst.

Greta Garbo, sempre, é uma mulher infeliz. Nos olhos mesmo, aquelle que quizer descobrir, sempre, uma magôa profunda, um pezar immenso, descobrirá. E' facil. Aquella mulher phenomenal, inconcebivel, não póde ser feliz. E assim, tambem, todas as suas sozias que tiverem a infelicidade de fazer os corações dos homens palpitarem descompassados e os peitos arfarem com brutalidade e os olhos chammejarem com volupia sem par. Essas mulheres têm que ser infelizes. Nunca poderão inspirar um amor brando, suave, sem ondas revoltas. Têm, sempre, que supportar o vendavel devastador da paixão. Sempre! E se os seus labios, ás vezes, ardem pelo beijo apenas roçado á flor dos labios... Infelizes, não o terão! Sentirão, sempre, violentos, brutaes, os impetos amorosos dos homens que porventura amem.

Neste film, então, o sacrificio admiravel que Anna Karenina faz por Vronsky, esquecendo-se do seu proprio filho... E' qualquer cousa de bello, de sublime, que eleva ao infinito a imprudencia amorosa da mulher casada pelo militar impetuoso, vulcanico. E este militar, ardente, joven como ninguem, moço, é bem a personificação exacta da paixão. Aspero, bruto, exigente, quando em defeza do seu ciume. E de quem elle tem ciume? Do filho da sua amante... E John Gilbert, neste papel, é qualquer cousa de notavel, de admiravel. Quando eu me lembro que Ricardo Cortez e Norman Kerry deviam ter feito este papel... Mas, felizmente, Greta Garbo foi temperamental. Preferiu Edmund Goulding á Dimitri Buchowetzki e John Gilbert aos dois galãs citados...

Assim, assistindo-se á scenas tão imbuidas de belleza, tão ardentes quanto as chammas que constantemente Edmund Goulding faz crepitar ao lado dos amantes, a gente não tem mais nada a fazer, sinão suspirar forte e sentir o coração trepidar rapido, magnetico, debaixo do peito...

Um bello film. Sob todos os pontos de vista. E depois, convenhamos, só para se ver um beijo de John Gilbert em Greta Garbo... Vae-se de joelhos ao Ceará!!!

O TRUNFO — (The Big Noise) — F. N. P. — Programma M. G. M. — Magnifico film de critica satyrica aos costumes dos politicos yankees. E Ned Sparks, como prefeito Howard, ou seja, personificando, claramente, o conhecidissimo prefeito Walker de New York, mostra o que se pode fazer de um burgezissimo empregado de subway quando se está pleiteando uma eleição...

Aliás quando eu lhes disser que Allan Dwan dirigiu, vocês já não se admirarão de mais nada. Soube fazer um film altamente mordaz. Admiravelmente ferino. Cheio de piadas finissimas e de um estudo meticuloso dos habitos politicos nova-yorkinos.

Vale a pena. Vocês vão rir estrondosamente com o Chester Conklin. E' um artista magnifico. E dá realce estupendo ao seu papel. Alice White, aquelle suquinho, apparece. Bodil Rosing tambem. E ha, além disso, uma serie de "gags" notaveis. Vale a pena.

ELLES E ELLAS — (Single Man) — M. G. M. — A melhor comédia de Lew-Cody e Aileen Pringle exhibida ultimamente. Não fosse Harry Beaumont o director. No emtanto, embora se trate de um film com jazz-banditos almofadinhas e blackbotonicas melindrosas, não é, absolutamente, um estudo de almas e nem um film dramatico. E' um film cheio de scenas humoristicas, interessantissimas, criticando a vontade de um solteirão se tornar um perfeito almofadinha. Vocês vão rir com Lew-Cody. Aileen Pringle não é a principal. Marcelline Day tem um papel importante. E fal-o bem. Vocês gostarão. E, além do mais, ha a direcção de Harry Beaumont.

AMORES DE ARENA — (Three Ring Marriage) — F. N. P. — Programma M. G. M. — Marshall Neilan não pretendeu fazer um film monumental. E, além disso, era o ultimo "co-star" do "team" Mary Astor-Lloyd Hughes. E, fez, assim mesmo, um film interessante. Tirando-se, naturalmente, as scenas bastante antiquadas e tôlas, como as do villão que ainda se fecha com a heroina num quarto, guardando a chave. Aquelles annões têm papeis interessantes. Mary é lindissima. Mas o Lloyd Hughes regeitaria mesmo a Alice White? Qual, elle, um atirador de circo!... Emfim... Ao menos a objectiva não foi indiscreta. A Mary Astor é bellissima. Mas a Alice White é colossissima. Serve.

SCENA DE "SUBMARINO" COM RALPH GRAVES

ESPOSA ALHEIA — (Man, Woman and Wife) — Universal — Se a guerra tivesse feito o beneficio de matar Norman Kerry, logo, estariamos livres de esperar tanto tempo para que elle se decidisse matar a si proprio. Mas ... Infelizmente não se deu isso. E, logo, passamos a ver a Pauline Starke querendo que elle se apaixone por ella e elle, sempre, firme pela Marion Nixon. Mas o Kenneth Harlan, coitado, é a penninha. Ha alguns detalhes bons e a direcção de Edward Laemmle não é má. O Crawford Kent morre mais uma vez.

SUBMARINO — (Submarine) — Columbia — Matarazzo — Um cocktail de "Sangue por Gloria", "Fuzileiros" e mais alguns films padrões norte-americanos. Nem podia ser por menos. Não fosse a Columbia uma fabrica das pequenas.

Mas que não seja esse o motivo de se depreciar o trabalho da Columbia. E', das fabricas pequenas, a melhor. Ao menos, é innegavel, possue a grande, a enorme vantagem de cuidar a serio dos seus films. E, "A Dama Escarlate", "A Rua de Illusões" e outros films "super", da Columbia, são, mesmo, cousas que nunca a Excellent, a Rayart, a Chesterfield e mesmo a F. B. O. sonharam ou puderam fazer. Eu acho, sinceramente, que a Columbia vencerá.

O "climax" do film, baseado no recente desastre do submarino S. 4, no qual pereceram, medonhamente, 40 homens, é a parte capital do film. Aliás o thema, vulgar, foi apenas construido para sustentar a acção até o climax que occupa 70% do film. E Frank Capra, o director, poz, nellas, toda a sua arte e todo o seu conhecimento de Cinema. E elle já se póde considerar um bellissimo director de dramas, tambem, porque de comedias elle já o era. De facto, a acção dentro daquelle submarino, medonho, sob aquella suffocação, sob aquelle ar pestilento, é qualquer cousa que deixa a gente arrepiada e mal disposta. E esta sequencia, toda, foi muito bem feita. Apresentando, nella, o desempenho admiravel de Ralph Graves e o magnifico "bit" de Clarence Burton. Só este "climax" vale o film todo. Fosse elle da peor especie. Mas não é. O principio, embora imitado e conhecido, é interessante. A rivalidade amiga existente entre Jack Holt e Ralph Graves é interessante e a lindissima, a supercolosso Dorothy Revier, faz um papel curto e antipathico. Mas sáe-se bem e não causa antipathia alguma. Ao contrario, a gente fica com pena daquella gente toda que bate nella durante o film...

O beijo que Ralph Graves e ella trocam, sob as ondas, é, de facto, inédito e lindissimo. Embora um tanto ou quanto... Bem, adiante! E a bofetada que o mesmo dá na mesma, é impressionante e forte. E', emfim, um film que enthusiasma e agrada plenamente. Ninguem o deve perder. Embora o thema rude e a amizade indelicada de Jack Holt pelo Ralph Graves não sejam cousas que agradem á mocinhas delicadas e sequiósas de idyllios em carramachões floridos, com Ramon Novarro e Renée Adorée... Ha uns bons "gags". Quasi ninguem os percebeu. Aquelle do papagaio é notavel... E muitos outros assim. Frank Capra revelou-se com este film. E só a gente pensar que deveria ter sido dirigido pelo George B. Seitz...

E, muito de proposito, deixei para o fim a parte fraquissima e detestavel do film. Parte que deve ser tirada, urgentemente, afim de não o prejudicar, enormemente e, além do mais, não o tornar um film tôlo e antipathico. SÃO OS LETREIROS! E eu tenho a certeza de que elles não existiam. FORAM CREADOS PELO TRADUCTOR! Porque aquelle lyrismo piégas, que a gente fica lendo durante o film todo, por certo que não veio num film assim bem feito e moderno. Ha alguns, como aquelle que ex-

(Termina no fim do numero).

A MYRNA LOY QUE NINGUEM CONHECIA...

As Férias de Clara

(FIM)

que seja dito de passagem, se fazia passar aos olhos de Clara por um homem de fortuna, apresenta-se de improviso na vivenda do millionario, e tão opportunamente, que logra impedir, graças a um murro certeiro assestado ao appendice nasal de Turner, que elle leve a cabo os sordidos propositos com que convidara a gentil rapariga a visital-o.

Clara regressa á cidade, radiante de contentamento, por possuir um noivo que reunia em si um tão grande numero de perfeições: joven, sympathico, elegante, valente e... e ainda por cima millionario. Millionario!...

— Amar-me-hias igualmente se, em vez de rico como tu me consideras, eu fosse apenas um pobre empregado que ganhasse uma ninharia de setenta e cinco dollars por semana? — ousa Gordon insinuar, tentando levantar um pouco a venda que recobre os olhos de Clara.

— Sim, amar-te-hia igualmente... mas felizmente que não é essa a tua situação! — responde ingenuamente a pequena.

Pouco depois, quando o auto, chegando á cidade, entrou a percorrer os bairros mais pobres e consequentemente mais populosos, uma duvida começou a ennevoar os pensamentos da graciosa ruivinha, uma duvida que já presagiava a tormenta que se desencadeiou momentos depois quando, penetrando numa casa proxima, Gordon lhe disse:

— Vês? Este é o aposento que aluguei para nelle construirmos o nosso ninho de amor! Aqui ficará o quarto de dormir... alli a sala de jantar... alli a cozinha... — dizia timidamente Gordon, indicando cada uma das divisões e o fim a que desejava destinal-as.

Mas bem se poderia elle ter dispensado de semelhante abundancia de pormenores! Demasiado conhecia Clara a topographia daquelle aposento, exactamente igual ao que ella habitava com seus paes, poucos andares acima! E dizer que tantos annos ella sonhara o casamento, com a idéa simultanea de que no dia em que elle lhe apparecesse, seu noivo a livraria de viver em semelhante bairro, em contacto com semelhante visinhança, m meio das rusgas, dos "disque-disques" que eram alli, a cada hora, o prato de todos os dias!

Mal poderiam as palavras dar idéa de como acabou assim, desapontadoramente para Clara, essa primeira parte das suas férias. Logo depois de tão fervoroso enlevo, que cruel, que contristadora desillusão!

Antes, porém, que chegasse ao fim da sua segunda semana de férias, Clara, debruçando-se investigadoramente sobre a sua propria consciencia, teve que reconhecer que, pobre fosse elle embora, amava Gordon de todo o coração. Mas onde encontral-o agora?

Desapontado igualmente com a impressão que causara em Clara o futuro "ninho de amor" e a revelação da sua pobreza, Gordon desappareceu como se se houvesse sumido dentro das entranhas da terra. Na companhia onde elle trabalhava, ninguem soube dar a Clara noticias do rapaz. Disseram-lhe sómente que o haviam despedido porque elle ousara esmurrar o millionario Turner, um cliente em perspectiva para um seguro de um milhão de dollars!...

— E a culpada fui eu, eu só, porque o traiei tão mal! — dizia, desmanchando-se num rio de lagrimas, a desventurada corista.

Resolvida a tudo, comtanto que não perca o homem a quem prendeu o seu affecto, Clara assenta valer-se dos seus encantos infinitos e, mediante uma chantage gentil, alcançar que Turner subscreva a apolice de seguro que permittirá a Gordon rehaver o seu emprego.

A empreza era audaciosa e por certo eivada de difficuldades, mas como não ha obstaculo, por grande, que o amor da mulher não vença, Clara, bem delineado o seu plano, consegue afinal introduzir-se em casa de Turner, escalando uma janella, precisamente no momento em que o millionario aplana o caminho para o matrimonio, numa entrevista com a galante Miss Witherspoon, uma moça da alta sociedade, e com a sua futura sogra. Sob ameaça de um escandalo, Clara consegue afastar a Turner das suas visitantes e logo o colhe na rede tentadora da sua juventude. A casualidade, senão a fatalidade, senão ambas, reunem-se, porém, a complicar a situação, quando apparece Gordon, que alli havia ido para dar uma satisfação a Turner, e surprehende Clara nos braços do ricaço. Cego de ira, desvairado por um ciume que elle reluta em confessar, a si mesmo, depressa esquecido do proposito que alli o conduzia, Gordon intervem e põe termo á scena, que elle presume idyllica, assestando uma nova "murraça" ao nariz de Turner que cahe no chão, desacordado.

E assim termina, tragicamente para Clara, o segundo periodo de suas férias!

Na noite de sabbado de sua terceira semana de férias, Clara está dansando no cabaret com o coração confrangido e o pensamento posto no precipitado noivo que não soube presentir o motivo da sua presença em casa de Turner, a altas horas da noite, numa attitude que apparentemente a compromettia. Ah, pudesse elle ter adivinhado que generoso impulso a levara áquella casa, a fizera acceitar os galanteios desinsoffridos e antipathicos de Turner! Mas os homens, os homens apaixonados, especialmente, são sempre assim propensos a tirar conclusões irreflectidas, quando os espicaça o ciume!

E Clara está prestes a ter disso um exemplo ainda mais convincente, pois, Gordon apparece no cabaret brandindo no ar um cheque que, entre crueis ironias, entrega á apaixonada corista, dizendo-lhe que elle representa a sua commissão sobre o seguro que ella arrancou a Turner. Clara tenta entrar em explicações, mas revoltado, Gordon desapparece por entre as filas de mesas, em risco de tombal-as e atropellar os que, alheios a tudo, assistem áquella scena, boquiabertos de espanto.

— James! James! — exclama a joven, desvairada. As suas palavras não detêm, entretanto, o impeto do rapaz que, a esse tempo, já corre como um louco pela rua, subtrahindo-se a toda a especie de explicações.

Clara não se dá, porém, por vencida. Vestida apenas das leves gazes que a recobrem, ella salta do palco ao salão e atravessa-o em direcção á porta, alcançando finalmente a via publica, onde os seus gritos, o seu desvario, o summario dos seus trajes, chamam a attenção ao mesmo tempo dos transeuntes e dos policiaes de serviço.

— Prendam, prendam esse homem! — diz ella.

— Mas que foi que elle fez? — perguntam-lhe, intrigados, os agentes da ordem. — Não fez nada, mas eu é que preciso falar com elle!

E Clara, victoriosa, põe sob os olhos de Gordon a carta que acaba de receber da noiva de Turner, revelando ter sido ella que obteve o seguro, assim innocentando de toda a culpa a ruivinha que vê, finalmente, raiar uma réstea de esperança no mar encapellado dos seus amores.

E Gordon reconhece jubilosamente o seu erro e abre os braços a Clara, cujas férias têm assim, ao cabo de tantas lagrimas, o mais feliz epilogo que ella podia sonhar.

Culpas de Amôr

(FIM)

Lady Travers, a unica pessoa que poderia atravessar a zona occupada pelas tribus, é incumbida de levar a joia salvadora a Tom. Depois de grandes emoções e perigos ella consegue chegar, já alta noite, ao local onde encontrava-se Lingard. Este não mais podendo conter os impulsos do coração toma-a nos braços. Lady Travers tenta dizer-lhe a razão que a trouxera ali. Tom, porém, fal-a calar-se observando que o amor devia ser no momento a sua unica preoccupação. Esquecidos de tudo, ambos passam a noite entregues ao delirio daquella paixão violenta, durante tanto tempo reprimida.

Emquanto isso Jaffir consegue salvar Hassim e Immada, trazendo-os para bordo da escuna, onde os homens de Daman procuravam agora apossar-se das munições. Jorgensen, vendo-se na impossibilidade de oppor-lhes resistencia, resolve heroicamente lançar fogo ao paiol da polvora, morrendo com todos os outros, excepto Jaffir, que embora gravemente ferido, consegue chegar ao brigue para dizer a Tom o ultimo adeus de Hassim.

Profundamente abalado com a desgraça que ferira de morte seus amigos, e que tivera como causa principal aquelle amor prohibido, Lingard ordena a Lady Travers que parta immediatamente com seu marido e D. Alcacer, livres graças á intervenção energica do "Rei Tom". Naquelle mesmo dia, o elegante hiate que agora fluctuara com a grande maré, rumava ao Sul.

Na ponte do seu brigue, Tom Lingard, o olhar perdido no horizonte longinquo, ordena a Carter que ficara como seu commandante, de fazer velas ao Norte.

E assim que se escreve uma historia com Lily Damita e Ronald Colman...

JANET GAYNOR DO CINEMA SILENCIOSO

(FIM)

Quanta bondade de Janet Gaynor...

Ao me despedir apertei novamente... aquella mão carnuda, de dedos redondos, sensuaes, tão pequenina que quasi desappareceu entre a minha. Não pensava mais na sua voz.

Para mim, ficára indelevel aquella Diana. Meiga e triste. Um typo de Griffith. Anjo das Ruas. Alma que volta. Aurora. Tudo, tudo... A Janet Gaynor do Cinema silencioso...

Pauline Frederick odeia o cinema

(FIM)

que Pauline acaba de assignar um contracto de dois annos com Warner Brothers para fazer films falados.

"Nunca mais me deixarei afundar no marasmo de novo, declara ella com firmeza. O meu contracto me permitte trabalhar no theatro, e eu não o teria assignado sem essa concessão. Não me interesso por nada mais além do meu trabalho, minha mãe, meus animaes e minha casa em Beverly Hills. Si pudesse tambem, transformaria a minha residencia em casa para os animaes abandonados. Ando sempre ás voltas com os meus animaes. E, ah, é verdade, ia me esquecendo, accrescenta ella. Olhe aqui: isto me acompanha sempre, por toda parte".

Olhei, e quasi desmaeie. Pauline abrira uma enorme mala, e lá dentro eram novellos de lã que não acabavam mais. E de todas as côres. Fez lembrar-me os tempos da guerra.

"Mas que historia é essa"?

"Oh! (?) isso, exclamou ella. Manejo a agulha todo o tempo que posso. Não posso deixar as mãos desoccupadas. Veja o que fiz para mamãe, venho de acabar esse trabalho e é para fazer-lhe uma surpreza. E Pauline levantou um lindo e amplo costume para automovel, trabalho dos seus dedos.

O seu orgulho pela obra era evidente. Creio mesmo que ella receberia cumprimentos pela sua habilidade no manejo da agulha de crochet do que pelos seus talentos dramaticos.

Fiz-lhe algumas perguntas de caracter pessoal.

"A minha vida privada só a mim interessa, retrucou ella calmamente. Não sou apreciadora em excesso da publicidade. Si fizer appello á sua memoria, verificará que eu sou entre a gente de cinema a pessoa que menos entrevistas tem concedido. Evito falar de mim o mais possivel. Si alguem deseja ouvir-me sobre o meu trabalho, falo com prazer. Mas si desejam saber dos meus amores ou do que como ao almoço, terão de buscar informações em outra parte. De resto, concluiu ella, em Hollywood ninguem encontrará difficuldade em satisfazer a sua curiosidade a respeito de qualquer estrella".

Pauline poz na cabeça um chapeuzinho gracioso. Ella veste-se com elegancia; é mesmo de um chic pouco commum ás artistas de tela. Estas foram sempre na minha opinião as creaturas mais mal vestidas do mundo.

"Vou fazer umas compras, disse ella. Tenho estado a representar Madame X tanto tempo que me habituei a pensar como ella. Tingi de preto todas minhas roupas e a primeira coisa que notei foi que estava soffrendo de uma crise aguda de melancolia. Por isso agora procuro côres vivas e alegres.

Despedi-me della sentindo que gostaria immenso de vel-a outra vez. Poucas vezes trago commigo essa impressão ao sahir duma entrevista com uma estrella feminina da tela. Mas Polly é differente. E' uma mulher amadurecida, dotada de muito encanto e personalidade. Picante, interessante de ouvir-se e de olhar-se. Bella não, mais do que isso: uma creatura humana com todo o calor e graça de um caracter de rara excellencia.

O Presidente Hoover e o cinema

A CENSURA DA CENSURA

(F I M)

que o mero resultado do seu contacto com essa industria através o ministerio do Commercio.

Como filho da California que é, muitos dos seus amigos e, na ultima campanha presidencial, muitos dos seus mais valiosos sustentaculos, eram homens de alta situação nas fileiras da cinematographia.

Considerou-se tambem um facto significativo, o vasto uso que o Sr. Hoover fez do Cinema na sua campanha eleitoral. O mais recente desenvolvimento do Cinema, os films dos jornaes movietone, levaram os seus discursos a todas as cidades do paiz, ao mesmo tempo que os jornaes mudos cooperavam para gravar a sua imagem no espirito de milhões de outros americanos que constituiam o publico de cinemas menos importantes ainda não dotados dos apparelhos para o film vocalizado.

Que o Sr. Hoover figurava entre os primeiros capazes de apreciar integralmente o valor do auxilio do Cinema, está no facto de que na noite da eleição a familia e seus amigos reunidos em Palo Alto para aguardar os resultados das urnas, entretiveram-se fazendo passar na tela todos os films tirados durante a campanha.

Um outro factor dos laços que prendem o Sr. Hoover ao Cinema está em que elle é pessoalmente um "fan".

Quando o navio de guerra americano, **Maryland**, levantou ferros de San Pedro, o porto de Los Angeles, com destino á America do Sul, o Sr. Hoover levava comsigo sessenta films, muitos dos quaes ainda não entregues á exhibição publica, para entretenimento da comitiva que o acompanhava na sua excursão de amizade. Esses films foram proporcionados pelo Sr. Louis B. Mayer, da Metro-Goldwyn-Mayer, que é dos mais calorosos sustentaculos e amigo pessoal do Sr. Hoover no mundo cinematographico. E sobre o convez do **Maryland**, emquanto elle demandava as plagas sul-americanas, havia, todas as noites, sessões de Cinema.

Doris Kenyon, Emil Jannings, Clara Bow e Richard Arlen, eram os predilectos da comitiva presidencial.

Quanto ás preferencias do Sr. Hoover, informa-se que elle havia solicitado especialmente a inclusão de uma copia de "Ben Hur", entre os films emprestados para a viagem da sua comitiva.

Assim, as figuras da filmlandia servirão de novo para recreamento da Casa Branca.

Desde que passou a occupar a White House, o presidente Coolidge teve sempre duas ou mais exhibições por semaná no palacio presidencial, para sua familia e seus amigos.

Ha indicios de que esse habito será seguido pelo seu successor.

Póde-se, pois, affirmar que o Cinema fez com relação ao novo presidente o que elle proprio realizou com relação aos paizes latino-americanos, comprehendido no escopo da sua visita de cortezia a esses paizes, antes de assumir as redeas do governo. O Cinema lhe levou, pela sua expressão de sadio e instructivo divertimento, uma mensagem de cordialidade. E quando se ajunta a isso as innumeras sympathias sinceras de que gosa o Sr. Hoover no mundo da cinematographia e a sua propria e inquestionavel estima do valor do Cinema como meio de confraternidade, aquelles que acompanham a corrente dos negocios em Washington, são levados a acreditar que o presidente certamente retribuirá á industria do film os sentimentos amistosos que esta lhe tributára.

DE S. PAULO

(F I M)

plica o desastre que ia acontecer a Jack Holt, logo no começo, do qual elle é salvo pelo Ralph Graves e, depois, aquelle que tira toda a delicadeza do detalhe da onda apagando a phrase amorosa escripta na areia, que chegam a revoltar. E, em todos elles, umas phrases assucaradas, bombasticas, antiquadas, atracadas, a detalhar e a contar o que, scenas adeante, a gente ia assistir.

E aquelle theatrinho de apresentação do Programma Matarazzo, com o panno descendo ao começar o primeiro acto e o segundo, é um numero. Melhor do que uma comedia Serrador... Vamos rifar esse traductor, seu Matarazzo?

O HOMEM DAS NOVIDADES (The Cameraman) — M. G. M.

Desses films que fazem a gente sahir doente do

LAURA LA PLANTE E JOSEPH SHILDKRAUT EM "SHOW BOAT", DA UNIVERSAL.

Cinema. Film comico que é engraçado, mesmo! Nunca me lembro, em época alguma, de ter assistido uma comedia tão cheia de "gags" formidaveis. Aliás, a direcção de Edward Sedgwick, sempre, apresenta coisas notaveis. E Buster Keaton formidavel Buster Keaton, nas mãos de Sedgwick, tornou-se fantastico. Tudo que elle faz é fantastico. E' genial! Citar detalhes é inutil e, além do mais, tira a originalidade dos mesmos. Mas eu lhes digo uma coisa, na scena daquelle cubiculo aonde elle e um outro vão trocar as roupas para irem á piscina, vocês vão arrebentar de rir. E quando lhe roubam o **maillot** e elle começa a olhar desconfiado para aquella pequena que passa... é formidavel!

Marcelline Day é a pequena. Bem, eu sei que vocês nem cogitam de perder este film! Mas, assim mesmo, vale recommendar que não o façam nem por um decreto!

Phyllis Haver, lourinha de nascimento

(F I M)

que Gloria Swanson foi a heroina. Phil ..nha nelle um pequenino papel, mas decidiu não fazer feio. Comprou varios metros de uma fita, larga, branca e preta e, habilidosa, fez um turbante escandalosamente vistoso. Assim adornada, entrou no "set". E logo depois, Miss Swanson entrou a conferenciar com o director sobre aquelle novo estylo de chapéo.

Um minuto mais tarde o director, com cara de quem estava aborrecido, foi até Phil e exigiu-lhe que tirasse o turbante improvisado. Assim o exigia Gloria. Era a sua imposição para trabalhar naquelle dia.

Mas Phil não quiz saber disso. Declarou que nada tinha a vêr com a falta de imaginação das outras! O director viu que as coisas tomavam rumo azedo. Para peorar ainda mais a situação Phil desfez-se em lagrimas. Felizmente, o director teve uma feliz inspiração! A fita era longa de mais. Metade seria dada a Gloria e metade a Phil. Ambas concordaram com esta sentença do Salomão da Mack Sennett...

O cuidado extremado que Phil sempre dedicou a suas caracterizações ainda hoje é o mesmo. Ella chega ao Studio meia hora antes da hora marcada. Experimenta novos estylos de penteados. Faz "tests" com os seus vestidos.

Num film de Mack Sennett ella interpretou nove papeis differentes! Em outro interpretou o heróe, com grande vantagem.

No seu tempo as pequenas de Mack Sennett trabalhavam de facto. Chegavam ao Studio ás oito em ponto. Quando não representavam faziam gymnastica para preservar o corpo da gordura indesejavel!

Foi quando trabalhava em exteriores nocturnos, em companhia de cincoenta outras pequenas, que Phil se mostrou esperta pela primeira vez. Aconteceu que trabalhavam em roupas de banho, sob um frio de rachar. Phil, no meio de suas companheiras, sentia mais frio do que todas. Conseguiu esconder-se do olho da **camera**. E metteu-se num quente sobretudo que apanhou á mão.

E no fim do trabalho juntou-se novamente ao grupo tiritante de suas companheiras, como se com ellas tivesse aguentado firme!

O treino que adquiriu com Mack Sennett foi incalculavel. Aprendeu a cortar films. Chegou a trabalhar no salão de cortar, onde poude apreciar como ninguem a sua propria representação. E assim poude adaptar-se a todos os seus papeis.

Ainda se encontrava no "lot" de Mack Sennett, quando foi contractada para tomar parte em "O Apostolo". O seu contracto expirou logo após o termo da filmagem. Phil não encontrou trabalho. Augmentavam cada vez mais as difficuldades. Seguiu-se a ordem do medico. A dieta. Ella estava quasi desistindo, quando surgiu "Sangue por Gloria". A sua confiança ficou restaurada. E o contracto com De Mille lhe deu prestigio. Quando Cecil a chamou ao seu escriptorio, para communicar que teria o principal papel em "Chicago", ella não se conteve.

Prorompeu em exclamações de alegria, para logo após ficar nervosissima, sem poder pronunciar uma palavra.

De Mille aprecia-a tanto, dá-lhe tanto valor, que a levou para a M. G. M. e já declarou que só lhe dará para o futuro grandes papeis.

E Phyllis Haver bem o merece.

O Cinema no Japão

Data do inverno de 1896 a inauguração do Cinema no Japão e no correr desses 30 annos tornou-se um dos divertimentos predilectos do povo. A nova arte grangeou toda a sua incontestavel popularidade em 1915, com o film "A moeda quebrada", com Francis Ford e Grace Cunard nos principaes papeis. A apresentação desse film foi um acontecimento notavel: foi o facto determinante da série continua de films, quer estrangeiros, quer nacionaes, cuja exhibição e producção vêm se succedendo sem cessar daquella data em deante. Quasi todas as grandes companhias americanas e européas têm agentes no Japão e embora a sua situação seja invejavel, possuem no film japonez um sério rival. Esse tem progredido de um modo rapido e admiravel, de maneira a fazer baixar sensivelmente de 1925 para cá, a importação americana.

A' medida que vae progredindo, o film japonez vae se popularizando. No entrecho heroico é um legitimo "Samurai", sem rival nesse genero, quem desempenha o principal papel; quanto ás comedias e dramas modernos o passo é tão grande que se podem egualar ás estrangeiras. Augmentou de modo consideravel o numero de cine-theatros em que são exhibidos exclusivamente films japonezes, a ponto de se poder estabelecer a seguinte proporção:

Films japonezes, 70 %; films americanos, 27 %; films europeus, 3 %.

E não ha razão para suppôr que esta situação se modifique em sentido contrario.

Ossaka tem duas companhias principaes para distribuição de films estrangeiros e Tokyo, tres; uma dellas é a Paramount, que nesses ultimos dois mezes augmentou muito a sua distribuição.

Films Japonezes

Nada de notavel no correr desse ultimo anno, na cinelandia japoneza. Em geral, continuam a ser exhibidos films classicos de aventuras guerreiras. Alguns films de assumpto moderno obtiveram elogios dos criticos e a sympathia do publico e dos apreciadores da alta sociedade, mas deixam, entretanto, um pouco a desejar, sob o ponto de vista da direcção artistica. Alguns, como a "Casa da Boneca" — adaptado da peça de Ibsen — "Sonhos de dois casamentos", "As voltas do mundo", etc., apesar de certo valor proprio, imitam bastante os films estrangeiros, especialmente os americanos. O publico começa a se mostrar cansado de films de aventuras e alguns directores já comprehenderam a necessidade de remoçar a sua maneira. "A Encruzilhada", da **Kinugasa** (fabrica japoneza), é um dos films precursores da nova maneira.

✱

Em Madrid, na Avenida Reina Victoria, está sendo construido mais um Cinema (typo popular) cuja lotação será para 3.000 espectadores.

✱

Já está terminado o "scenario" de "La vie comence demain", a nova producção de Léonce Perret. O conhecido director já está escolhendo os artistas para o elenco.

Cinema de Amadores

(FIM)

lusão. Use esse methodo no trabalho, e todo amador verá como é simples e facil a filmagem de uma historia para a maior gloria do Cinema de Amadores!"

NOTICIAS DO EXTERIOR

A De Vry apresentou em Dezembro, nos Estados Unidos, o primeiro Cine-Tone para amadores. O apparelho, que usa o film de 16 millimetros, é synchronisado com um disco; o alto falante de um radio qualquer, ligado ao apparelho, desempenha a parte falada. O Cine-Tone de Vry já apresentou: "Ridi, pagliacci", "Indian Love Call" da peça "Rose-Marie" e mais duas canções de motivos populares.

— A "Amateur Cinema League" procura organizar uma exposição de films de amadores depois do successo que obtiveram os dois concursos realisados pelo Photoplay de Chicago.

— O "Amateur Movie Club" de Hartford, no Connecticut, offerece uma taça para a exposição acima. Hiram Percy, presidente da "Amateur Cinema League" é membro desse Club.

— "The Fall of the House of Usher" produzido por J. S. Watson jr. e Melville Weber de Rochester, continua sendo a nota do dia. Mr. Wilto Barrett, secretario de "National Board of Review" colloca esse film de amadores em parallelo com o famoso "Gabinete do Doutor Caligari".

NOTICIAS DO INTERIOR

— A casa Lutz & Ferrando daqui do Rio já expoz os apparelhos Victor, dos quaes passa a ser a representante no Brasil. A Victor que não fabrica projectores mas só as cameras, enviou cinco apparelhos para a Lutz, dos quaes tres já foram vendidos, sendo que apenas um no Rio, emquanto tres foram vendidos em São Paulo pela succursal. Esses apparelhos apresentam dois modelos, um com uma lente apenas, e outro com tres lentes, F 3,5 F 1,9 e telephoto.

— A casa Pathé Baby abrirá dentro em breve os seus laboratorios a todos os amadores que desejam elles proprios assistirem ou mesmo collaborarem na parte chimica dos seus films.

Todo amador que deseje apreciar a revelação do seu film terá entrada nos laboratorios da Pathé Baby. Do mesmo modo todas as formulas chimicas usadas e todas as variedades de methodos empregados nessa revelação poderão ser examinados e decorados pelo amador. Isso é uma iniciativa de grande valor por parte da casa dos films de 9 millimetros, porque torna, por isso, mesmo, mais facil o conhecimento do trabalho de laboratorio para o amador, o qual não necessitará mais adquirir toda a apparelhagem dispendiosa para poder conhecer como se trata um film exposto. Congratulemo-nos pela noticia.

—A mesma casa Pathé Baby distribuirá dentro em breve mais de dois mil exemplares de conselhos de ordem photographica para o amador que trabalha com a Motocamera. Esses conselhos são dados pelo operador official da casa, e, por isso, são observações individuaes, de ordem experimental, ligando-se exclusivamente ao Brasil. Com as novas observações e sua diffusão entre os amadores brasileiros, toda difficuldade vinda da differença de luz entre a França e o Brasil desapparecerá por completo. Vae ser uma iniciativa de muito auxilio para os amadores do nosso paiz.

Fazendo Fita

(FIM)

commentado, uma personalidade de grande brilho. Mas tudo isso produz vaidade, accende o orgulho, e como Peggy não era differente de muita gente que ha em Hollywood, passou a estudar as suas maneiras, a franzir os labios, a affectar uma porção de attitudes frivolas, falsas, cheias de maneirismos irritantes e ôcos. Já muita gente não a aturava, e por isso deu-se o inevitavel: passou a ser uma creatura apenas para os seus films. E por seu lado, Peggy esqueceu Billy. Nem o admittia na sua presença. Como poderia ella manter conversa com um simples artista de comedias "pastelões". Nada adiantaram os rogos do rapaz. As suas attenções agora eram para André, o seu "leading-man", rapaz affectado, de costelletas e bigóde, mettido a imitar John Gilbert, mas que em verdade estava muito longe de ser sequer a sombra do querido artista.

JAMES HALL E VILMA BANKY...

E a vaidade, a presumpção e o convencimento, cada vez mais dominavam Péggy Peppoire. Se via Greta Garbo, torcia o nariz; se via Marion Davies, dava-lhe um appellido; ninguem era melhor do que Peggy Peppoire. Mas um dia houve uma surpreza, justamente no momento em que ella estava, cheia de si, num almoço em companhia de Norma Talmadge, Mae Murray, Gilbert, Leatrice Joy, Douglas Fairbanks e outros. Foi chamada ao escriptorio do seu productor e notificada de que os exhibidores aconselhavam o cancellamento do seu contracto. E' que Peggy já se tornara antipathica ao publico, por causa da sua insinceridade nos seus desempenhos, motivada pelas suas attitudes vaidosas, pedantes.

Em vista disso, então, Peggy restringiu um pouco o seu modo de ser. Sentia-se, agora, só, sentia que não era feliz, que fizera mal em alijar de si o seu querido Billy Boone. Onde estava Billy Boone? Estaria longe? — pensava ella.

Mas Billy não estava longe, não. Logo no dia seguinte do seu grande arrependimento, Peggy teve-o junto a si, numa grande surpreza: King Vidor estava empenhado a fazer um novo "The Big Parade", onde Peggy era a heroina. Sem saber ainda quem era o seu galã, Peggy, lá num dos momentos da filmagem teve, então, a mais deliciosa das surprezas: viu-se nos braços de Billy, o seu "leading", e o seu marido, está claro, mesmo depois do film ser finalisado, porque agora por nada deste mundo ella o perderia...

E mesmo depois de King Vidor dizer que o beijo do film estava bem representado, bem filmado, elles lá continuaram, de labios unidos, firmes...

W. TORRES.

O Marchante

(FIM)

po, elle compraria o resto dos interesses da peça. E por mais mil e quatrocentos dollares, porque os dois homens estavam com a corda no pescoço, Peter Jones tornou-se o unico emprezario.

A peça, entretanto, fôra um fracasso. O que fazer? E' Mary Martin quem tem uma feliz idéa: transformariam a peça. Era um drama ridiculo? Pois elles dariam á peça a feição de uma comedia disparatada!

E assim, na noite seguinte, um theatro de Broadway annunciava uma nova edição "differente e augmentada" do "Amor Flammejante". O successo foi unico, estupendo: Peter Jones e Mary Martin nadavam num lago de felicidade.

Que ventura, que successo, consideravam elles no dia seguinte no escriptorio... mas eis que pela porta surge um advogado, reclamando para o seu constituinte dois terços da renda da peça, porquanto a mesma era um plagio de uma novella publicada na Revista Moderna, dois mezes antes:

Peter Jones justifica-se; comprara os direitos da peça a Joe Lehman, não sabia como este a obtivera. O advogado retira-se para voltar depois, e eis que surge agora Joe Lehman, enthusiasmado, pedindo a Peter Jones que lhe venda a peça, que agora elle sabia ser um grande sucesso. Peter Jones, então (para ladrão, ladrão e meio), exige uma boa offerta. O outro, enthusiasmado pela esposa "demodée", que queria ser estrella, vae offerecendo: quinze mil dollares, vinte mil, vinte e cinco mil, trinta! Cinco minutos depois, entra o outro socio, tambem com uma proposta, mas ridicula. Peter, então, lembra: que lhe dessem quarenta mil dollares, os dois juntos.

O negocio foi feito. Com o cheque, Peter e Mary retiram-se por uma porta... emquanto por uma outra, volta o advogado, feroz e imponderavel. "Tableau"!

Naquelle mesmo dia, á noite, numa igreja, Peter Jones e Mary Martin estavam diante do momento solemne do "enforcamento".

Quando o sacerdote, repetindo a ladainha de sempre, perguntou se havia alguem presente que soubesse de algo que pudesse impedir o casorio, uma senhora afobada, que entrara precipitadamente no templo, exclamou: —"Espere um pouco"!

Que surpreza! Quem será, quem poderá ser?

Ah! Que idéa ! Era vovó de Peter Jones! Soubera do successo do neto, lá em Trenton, e viera ás pressas a New York para vel-o, e queria constatar, agora, se a noiva do neto era bonita, bem digna delle. E depois de a examinar bem, declarou:

— "Está bem"!

Ora, é claro que estava bem.

W. TORRES.

EU PODERIA SEDUZIR QUALQUER MARIDO...

(FIM)

não seria estrella si não tivesse as suas intrigas amorosas.

A jornalista o disse, mas ficou surpreza quando notou o rubor que subiu ás faces de Camilla. Imaginem uma estrella de Cinema a corar!

E Camilla falou: "Não é direito pensar-se em amores quando se é casada".

E dizendo isso tirou de sob um mattaborrão uma carta volumosa de 35 ou 40 paginas, de letra miudinha.

"Quanto mais conheço outros homens, mais eu amo meu marido, disse ella. Aqui nesta Hollywood ha homens que se agarram, se curvam para obter favores, mas meu marido não é desta especie. Elle é um homem, eis tudo".

Camilla estendeu a carta a sua interlocutora, e como esta lhe esclarecesse que não sabia allemão, ella propria começou a ler.

"Eu saudades tenho de ti! Como eu desejaria que não fosses uma estrella de Cinema, mas apenas minha gentil mulherzinha, a preparar os meus jantares em nosso lar encantador...".

RIDI, PAGLIACCI.

(FIM)

um cháos que se approxima da retina, a explosão de um conflicto interior, e eis que o corpo do palhaço tomba, em meio da trajectoria, sobre o marmore frio do chão!

— E' o Flick, deitado no chão.

— E', sim. Elle está fazendo o papel de morto. Que engraçado, hein?

Eram duas creanças a falar. Duas creanças que, da porta da caixa do theatro, ás occultas, procuravam ver alguma cousa do espectaculo, do ultimo espectaculo de Tito...

W. TORRES.

Realizou-se a 7 de Fevereiro o espectaculo organisado por Armand Tallier e Jean Toulut, os amigos mais intimos do saudoso René Cresté (o creador do "Judex"), a favor da viuva do artista, que, conforme já havia sido noticiado, tentara se suicidar, em vista da pobresa em que se encontra em companhia de uma filha doente. Este espectaculo foi patrocinado pela "Chambre Syndicale Française de la Cinématographie", da "Association Professionelle de La Presse Corporative" e da "Union des Artistes".

卍

Os studios da Franco Film receberam a visita de Pittaluga, grande cinematographista italiano, director da empreza que traz o seu nome. Pittaluga está em viagem de estudos e a impressão que recebeu da sua visita, foi a melhor possivel conforme elle proprio affirmou.

DE JUIZ DE FÓRA

A inauguração do Cine-Theatro-Gloria, que se realisou no dia 28 de Fevereiro proximo findo, foi uma linda festa de arte e elegancia, á qual, não obstante e inclemencia do tempo, compareceu o escól da sociedade juizdeforana.

A's sete horas da noite, o salão principal do importante estabelecimento de diversões, offerecia um aspecto verdadeiramente original e encantador, pela variedade polychromica das toilettes vaporosas das senhoras e senhorinhas, pela orgia féerica das luzes, pela magia da musica e pela alegria envolvente, communicativa e intensa, que se estabelecera rapidamente entre os espectadores?

Magnificamente installado, num dos pontos mais movimentados da Rua Halfeld, o Cine-Theatro-Gloria, de propriedade de Benjamin Guimarães e direcção de Armando Ribeiro, se acha dividido em duas amplas e confortaveis salas de projecção, decoradas com esmero e sobriedade e convenientemente ventiladas.

Para que se tornasse indelevel na memoria de todos a alta significação do acto inaugural, a empreza houve por bem apresentar ao publico selecto que emprestou ao festival o brilho, a finura e a distincção de sua presença — a modernisada versão do romance do immortal Dumas Filho — "A dama das camelias" — com a interpretação brilhante e magistral de Gilbert Roland e Norma Talmadge — respectivamente Armando e Margarida.

O espectaculo cinematographico decorreu num ambiente perfeito de

sympathia e cordialidade, constituindo um dos acontecimentos agradaveis deste principio de anno!

Outrosim tivemos a opportunidade feliz de admirar no écran luminoso, os idyllicos transportes dos amantes passionaes, o luxo deslumbrante, a arte, o esplendor das montagens da maravilhosa pellicula da United Artista — a belleza estonteante e perturbadora de Norma Talmadge, da incomparavel Norma que pertence ainda ao coração dos "fans" de Juiz de Fóra — o olhar dolente, macio e avelludado de Gilbert Roland, os seus cabellos negros e ondulados, o seu gesto romantico e apaixonado e a sua formosura captivante e novellesca! O Gloria está fadado a esplendido successo e triumphal carreira cinematographica!

Juiz de Fóra, esta de parabns!

Mary Polo.
(Correspondente de Cinearte).

T o d o s os films b r a s i l e i r o s devem ser v i s t o s .

REVISTAS ESTRANGEIRAS

EMPORIOM — Revista mensal illustrada de arte e cultura, artigos geraes sobre historia, architectura.

VOGA — Semanario illustrado da mulher, trazendo paginas de bordados e modas.

MAGAZINE BERTRAND — Leitura para todos, modas, contos, assumptos cinematographicos, anecdotas.

L'ELECTRICIEN — Revista mensal internacional de Electricidade e suas applicações, electricidade pratica e industrial, a melhor revista do genero.

REVUE DES DEUX MONDES — Revista mensal de cultura internacional, movimentos monetarios Francezes.

LE PETIT INVENTEUR — Trabalhos electricos, em geral de muita utilidade ao agricultor e officinas mechanicas.

LE MONDE NOUVEAU — Literatura, romances, artigos de jornalistas illustres.

CINE-MIROIR — Publicação semanal illustrada, assumptos exclusivamente cinematographicos.

LA SEMAINE VERMOT — De tudo e para todos, assumptos geraes, criticas, literatura e trabalhos.

HISTORIA DE LA NACIONES — Popular revista pictoresca e autorizada, relação de cada uma das nações dos tempos mais remotos aos nossos dias.

GUTIÉRREZ — Jornal humoristico hespanhol, semanal.

EL ECONOMISTA — Revista semanal scientifica, independente, bolsa, mercados, contribuições, mineraes, agricultura, industrias.

MACACO — Jornal das crianças, contos infantis e pintura.

NUEVO MUNDO — Revista semanal hespanhola, com photographias universaes, muita literatura, procuradissima.

MUNDO GRAFICO — Revista semanal, com assumptos sportivos de toda parte do mundo.

LAPANTALLA — Semanario hespanhol cinematographico, trazendo os assumptos mais particulares do Cinema.

ESTAMPA — Revista graphica e literaria, da actualidade hespanhola.

MODAS Y PASATIEMPOS — Altas novidades da moda internacional, com moldes e desenhos para bordar.

CINE MUNDIAL — A rainha e a mais completa das revistas cinematographicas.

PARATI — Emporio literario, com figurinos e trabalhos.

EL HOGAR — A revista por excellencia das familias, contos, modas e actualidades.

PLUS ULTRA — A revista da moda, sport, arte, paizagens, literatura, figurinos, photographias sociaes.

Recebimentos semanaes das maiores novidades, no genero, americanas e européas.

"CASA LAURIA"

RUA GONÇALVES DIAS, 78

Jean Renoir voltou da Algeria, depois de algumas semanas de trabalho, filmando "Le Film du Centenaire". Este film está destinado a ser apresentado no momento das grandes festas do centenario da conquista da Algeria, e terá por objectivo, fazer conhecer no mundo inteiro, a actividade da Algeria, sob todas as suas fórmas, assm como a belleza das suas localidades.

卍

Augusto Genina, o director de "Le Quartier Latin" vae transformar, durante varias noites seguidas, a Estação da Estrada de Ferro de Lyon, em um verdadeiro studio, afim de tomar varias grandes scenas do citado film.

卍

"Fecondité, o conhecido romance de Emile Zola, vae ser filmado sob a direcção de Henri E'tievant. André Lafayette e Gabriel Gabrio são os principaes desta nova producção.

卍

Ken Maynard foi contractado para fazer seis film para a Universal.